

LT 128



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA E LITERATURA

SIGNIFICADO ETIMOLÓGICO DE NOMES E APELIDOS

AUTÓCTONES *COPIS*, FORMADOS POR DERIVAÇÃO

IMPRÓPRIA

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a
obtenção do grau de Licenciatura em Linguística da Universidade Eduardo Mondlane

SÓNIA ISABEL DA SILVA LOPES LAÍCE

MAPUTO, 2003

LT.128


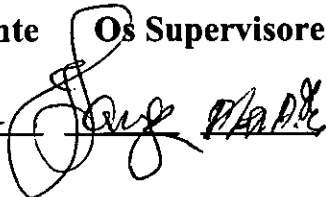

**SIGNIFICADO ETIMOLÓGICO DE NOMES E APELIDOS
AUTÓCTONES COPIS, FORMADOS POR DERIVAÇÃO
IMPRÓPRIA**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a
obtenção do grau de Licenciatura em Linguística da Universidade Eduardo
Mondlane por Sónia Isabel da Silva Lopes Laíce

**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA E LITERATURA**

**SUPERVISORA: Dra. JULIETA LANGA
CO-SUPERVISOR: Dr. ALEXANDRE MATHE**

Maputo, 2003

O Júri:			
O Presidente	Os Supervisores	O Oponente	Data:
			29/09/03

F. LETRAS U.E.M.	
R. E.	29933
DATA	16 Dezembro 03
AQUISIÇÃO	CP/ta
COTA	LT-128

DECLARAÇÃO

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada, na sua essência, para a obtenção de qualquer grau, e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicados no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.

AGRADECIMENTOS

A efectivação do presente estudo só foi possível graças ao envolvimento de muitas pessoas que deram, em diferentes ocasiões, um contributo inestimável. Na impossibilidade de mencionar todas elas quero agradecer à Dra. Julieta Langa e ao Dr. Alexandre Mathe pelo seu contributo na supervisão. Os seus conselhos e ajuda revelaram-se imensuráveis. Agradeço também ao ARPAC que contribuiu em termos financeiros para a minha deslocação de trabalho de campo. São também extensivos agradecimentos ao meu grupo de estudo composto pelos seguintes membros: Adamo Rungo, Calisto Paliche, Paulo Nhantumbo e Teresa Cuamba que se revelaram grandes amigos e companheiros ao longo do curso, aos colegas de turma, aos professores que ministraram conhecimentos ao longo da minha formação o meu muito obrigado.

Agradecer, por outro lado, aos informantes pela paciência inesgotável que tiveram durante as entrevistas em que explicaram o significado dos nomes e apelidos e pela receptividade com que me trataram, ao Pastor Zefanias Mavulule e ao Padre Maheme, pela contribuição nas traduções, aos meus pais e irmãos pelo apoio moral que me deram ao longo da minha formação, ao meu marido Cristóvão Laíce pelo apoio prestado.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Leonardo José Lopes e Judite da Silva Mavila Lopes pelos ensinamentos, dedicação e empenho na minha preparação como membro da família e da sociedade e pelos grandes ensinamentos que me transmitiram: “Dar muito valor à escola”. Não posso deixar de referir que o grande lema que me acompanhou durante a minha formação foram as sábias palavras do meu pai: “Meus filhos, eu morrerei feliz se vos deixar pobres mas formados, porque os conhecimentos são uma fortuna que ninguém nos tira, é apenas necessário saber transformá-los em riqueza”.

Curriculum Vitae

1. Identificação

Apelido: Laíce

Nome: Sónia Isabel da Silva Lopes Laíce

Filiação: Leonardo José Lopes e Judite da Silva Mavila

Data e Local de Nascimento: 11 de Maio de 1973, Inhambane

BI- nº 5245075, pedido nº 0032852827, aos 02 de Junho 2003

Estado civil: Casada

Endereço: Av. Josina Machel, nº276, 6ºandar, flat.62, Bairro Central, Maputo

Nacionalidade - Moçambicana

2. Contactos

- ❖ 082 – 311500 – Sónia Laíce
- ❖ 082 – 404983 – Cristóvão Laíce
- ❖ 082 – 323124 – Cristóvão Laíce
- ❖ 082861386 – Casa

3. Formação Académica

- ❖ 2003 - Elaboração do trabalho de licenciatura sob o tema: *Significado Etimológico de alguns nomes e apelidos copis, formados por derivação imprópria.*
- ❖ 2001 – Bacharelato em linguística
- ❖ 1999/2000 – Reingresso na Universidade Eduardo Mondlane (2ºano)
- ❖ 1997/1998 – Interrupção dos estudos (2º ano)
- ❖ 1996/1997 – Ingresso na Universidade Eduardo Mondlane.
- ❖ 1987-1994- Escola Secundária Francisco Manyanga – conclusão da 12ªclasse.
- ❖ 1984-1986- Escola Secundária Estrela Vermelha Conclusão da 5ªclasse.
- ❖ 1979- 1983- Escola Primária 25 de Setembro - Conclusão da 4ªclasse.

4. Cursos

- ❖ Curso de Microinformática em: MS WINDOWS 95, MS WORD97 e EXCEL 97;
- ❖ Curso de Relações Públicas.

5. História Laboral

- ❖ Actualmente - Examinadora de manuscritos e formadora de tradutores e digitadores dos projectos de tradução na Sociedade Bíblica de Moçambique (ONG cristã sem fins lucrativos).
- ❖ De 01/03/01 até hoje, sob licença sem vencimento, Investigadora Sócio-cultural no ARPAC- Instituto de Investigação Sócio – Cultural.
- ❖ De Junho/99 a Fevereiro/2001- preenchimento de contas de clientes das agências de Maputo do Banco Austral (automação)

6. Trabalhos feitos

- ❖ Actualmente - a escrever em equipa, *Elementos de Gramática copi*, com a supervisão da direcção da faculdade de letras.
- ❖ De 13/11/02 a 18/11/02 -Trabalho de Consultoria Linguística em equipa no Programa sobre Transferência Sócio –Cultural de Mensagens sobre HIV/SIDA na Província de Inhambane ao serviço da UPK (Unidade de Projecto Kuhluvuka) e posterior elaboração do Relatório de trabalho até 10/12/02.
- ❖ 02/11/02 - Participação em Jornadas Científicas Estudantis da Faculdade de Letras sob o lema, *Investigação em Ciências sociais e humanas : Por estudantes mais empenhados no objecto e espírito científico*. Onde apresentou o trabalho intitulado A questão da Ortografia dos apelidos *copi*.
- ❖ De 22 a 23 de Outubro de 2002 - Participação no seminário interno de investigação do ARPAC, na cidade da Beira, sob o tema: *A dimensão histórica e cultural do processo autárquico em Moçambique: 1998-2002*. onde apresentou o trabalho com o tema *Significado sócio-cultural de alguns nomes e apelidos copis*.
- ❖ Outubro de 2002 - Tradução de mensagens e spots publicitários sobre DTS's e HIV/SIDA do Português para o *copi* ao serviço da UPK (Unidade de Projecto Kuhluvuka).

- ❖ De 18/07/01 a 02/08/01 – Trabalho de campo nas províncias de Gaza e Inhambane com vista à elaboração do Projecto sobre o Significado Sócio-Cultural dos nomes e apelidos em Moçambique: o caso dos *copis*. Patrocinado pelo ARPAC.

7. Línguas:

- ❖ Português – Fala e escreve fluentemente.
- ❖ Cicopi – Fala e escreve.
- ❖ Xichangana – Fala e escreve.
- ❖ Inglês - Fala e escreve fluentemente.
- ❖ Francês – Fala e escreve minimamente.

Errata

Página	alínea	onde se lê	leia-se
12	4	Nkumbi	N'kumbi
21	4	sub ponto	subponto
24	1.	só suscita ... como nome	só, suscita... como nome
31	6	sub ponto	subponto
33	4 (rodapé)	ao	ao
34	19	sub ponto	subponto

Anexos

Página	alínea	onde se lê	leia-se
I	34	Cidambane	Cidhambane
I	38	Relatório do Governador de Inhambane, 1912	Cabral, 1912
II	20	Relatório do Governador de Inhambane, 1912	Cabral, 1912
II	21	Relatório do Governador de Inhambane, 1912	Cabral, 1912
VI	1	pouco por tempo	pouco tempo

RESUMO GERAL

Com esta dissertação, pretendemos dar um contributo para a sistematização da gramática da língua *copi* no que diz respeito aos nomes e apelidos formados por derivação imprópria. Para este estudo, baseamo-nos num corpus oral produzido por adultos das províncias de Inhambane e Gaza mais concretamente do Distrito de Inharrime e Posto Administrativo de Chidenguele.

A dissertação é composta por cinco capítulos com os seguintes conteúdos:

No Capítulo I, Introdução, apresentamos o objectivo, motivação e importância do estudo e hipóteses de investigação.

No Capítulo II, Revisão Bibliográfica, apresentamos conceitos básicos para a nossa análise, nomeadamente, derivação imprópria, nome, apelido e significado.

No Capítulo III, Metodologia de Investigação, apresentamos a metodologia usada na recolha do corpus e critério de selecção do corpus, codificação dos dados e caracterização dos informantes.

No Capítulo IV, Análise de Dados, procedemos à verificação das hipóteses de partida.

No Capítulo V, Conclusões e Recomendações, registamos as nossas conclusões sobre o comportamento da derivação imprópria no *Cicopi* e fazemos algumas recomendações a ter em conta em trabalhos posteriores.

ÍNDICE

Declaração	i
Agradecimentos	ii
Dedicatória	iii
Resumo geral	iv
Índice	v
Abreviaturas	vi

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

1.Introdução geral	1
1.1. Objectivo do estudo	1
1.2. Motivação do estudo	2
1.3. Importância do estudo.....	3
1.4. A língua <i>copi</i>	4
1.5. Problema e hipóteses do estudo	6

CAPÍTULO II: QUADRO TEÓRICO E REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2. Revisão bibliográfica	7
2.1. Conceito de derivação imprópria	7
2.2. Conceito de nome	8
2.4. Conceito de apelido	11
2.5. Conceito de significado	13

CAPÍTULO III: METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

3.1. Metodologia	16
3.2. Constituição do corpus	17
3.3. Critério de selecção do corpus	18
3.4. Codificação dos dados	18
3.5. Caracterização dos informantes	19

CAPÍTULO IV: SIGNIFICADO ETIMOLÓGICO DE ALGUNS NOMES E APELIDOS AUTÓCTONES *COPIS*, FORMADOS POR DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA

4.1. Breves considerações sobre a derivação imprópria	20
4.2. Nomes formados por derivação imprópria do ponto de vista semântico e semântico-morfológico	21
4.2.1. Nomes (do ponto de vista semântico)	21
4.2.2. Nomes (do ponto de vista semântico-morfológico)	26
4.3. Apelidos formados por derivação imprópria do ponto de vista semântico e semântico-morfológico	31
4.3.1. Apelidos (do ponto de vista semântico)	31
4.3.2. Apelidos (do ponto de vista semântico morfológico).....	34
4.4. Discussão geral dos dados	40

CAPÍTULO V: CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

5.1. Conclusões	42
5.2. Recomendações	43

BIBLIOGRAFIA45

ANEXOS

Anexo I – Nomes

Anexo II – Apelidos

Anexo III – Lista de informantes

Anexo IV - Mapas

Mapa nº 1 – Mapa linguístico de Moçambique

Mapa nº 2 – Mapa de Moçambique

Mapa nº 3 - Mapa do Posto Administrativo de Chidenguele

Mapa nº 4 – Mapa do Distrito de Inharrime

ABREVIATURAS

Cf. Confronte -se

Chid – Chidenguele

Ex: - Exemplo

Inhr – Inharrime

Mpt – Maputo

Trad. Idiom. – Tradução idiomática

Trad. Lit. – Tradução literal

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1. Introdução Geral

Algumas línguas bantu moçambicanas foram, finalmente, consideradas línguas de ensino e aprendizagem e serão introduzidas no ensino básico, que vai da primeira à sétima classes, no próximo ano lectivo de 2004. Esta medida foi tomada à luz dos objectivos da lei 6/92 de 6 de Maio, após o sucesso do PEBIMO – experiência de educação bilingue em Moçambique - implementado no país nas províncias de Gaza e Tete em 1992 (Benson, 1998), que influenciou em grande medida, na tomada desta decisão. Contudo, uma língua que se pretenda de ensino e aprendizagem precisa de “ferramentas” para o efeito. Para tal, é necessário que seja estudada, descrita o mais amplamente possível.

O presente trabalho cujo tema é *Significado Etimológico de nomes e apelidos copis formados por derivação imprópria*, enquadra-se no âmbito da tentativa de sistematização da gramática das línguas bantu moçambicanas em geral e do *copi* em particular. Neste trabalho, debruçamo-nos, dentre outros aspectos, sobre a derivação imprópria como processo de mudança de classe da palavra e como um processo de formação de palavras.

1.1. Objectivo do estudo

A Linguística constitui uma área multifacetada, cujo estudo abarca vários aspectos da língua, dentre eles o estudo da gramática. A gramática, por sua vez, contempla aspectos como a fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e outros.

No presente estudo, propomo-nos a analisar a base sobre a qual se formam e se interpretam nomes e apelidos autóctones *copis*, formados por derivação imprópria do ponto de vista semântico e semântico-morfológico. Do ponto de vista semântico, pretendemos analisar as implicações a nível de significado e interpretação dos nomes e apelidos e, do ponto de vista semântico-morfológico, pretendemos analisar os processos semânticos e morfológicos que ocorrem na formação destes.

1.2. Motivação do estudo

Desde a antiguidade até à época contemporânea, os nomes e apelidos têm merecido uma atenção especial de estudiosos, que procuram verificar a sua origem e significado e os nomes mais usados em cada época¹. A partir de leituras feitas constatamos que, em Moçambique, poucos estudos têm sido feitos em torno deste assunto, facto que contribui para que muitos moçambicanos, quer sejam crianças, quer sejam jovens ou adultos, principalmente, os que vivem em meio urbano, não conheçam o significado dos seus nomes e apelidos autóctones.

O facto destes privilegiarem a aprendizagem do Português, língua que permite ascensão social, em detrimento das línguas maternas (Firmino 2002; Lopes, 1997) contribui para que percam muito do seu legado cultural devido à falta de conhecimento das suas línguas maternas.

A escolha do presente tema prende-se com o facto de termos constatado por um lado, que na tradição oral, alguns nomes e apelidos *copis* possuem um historial e, por outro, que um acontecimento pode levar à atribuição de um nome ou apelido, bastando para tal que se escolha uma “ideia central” que o norteia. Isto pode ser

¹Mucombo, 1998; Oliveira, 1996; Cunha & Cintra, 1989; Crystal, 1989/1995; Cabral, 1975; Junod, 1944; Santos, 1941; Jacques, 1938; Cabral, 1912.

durante a gravidez, condições de nascimento, comportamento dos progenitores ou mesmo a sua profissão.

1.3. Importância do estudo

Pretendemos com o presente trabalho dar um contributo no estudo da gramática da língua *copi*, fornecendo informação que poderá ser útil para o ensino desta nas línguas bantu moçambicanas, a serem introduzidas no Sistema Nacional de Educação, bem como para a valorização da cultura e tradição de grupos étnicos de Moçambique.

Estudos feitos, (por Mucombo, 1998; Cabral, 1975; Junod, 1944; Santos, 1941; Jacques 1938; Cabral, 1912) narram, de uma forma geral, a origem de alguns nomes e apelidos moçambicanos, sem fazerem menção directa à derivação imprópria e às mudanças semântico-morfológicas que daí advêm, daí o termos elaborado atendendo ao facto de não existir nesta língua um estudo que aborde especificamente esta questão.

Relativamente aos serviços de registo civil, consideramos que este estudo poderá fornecer subsídios para a elaboração de um dicionário onomástico que tenha em conta o legado cultural que os nomes e apelidos transportam, facto que contribuirá para uma maior responsabilidade na escrita destes por forma a preservar-se a nossa cultura, pois a deturpação na escrita, apaga as pistas da origem e significado dos nomes e apelidos, passando estes a significar outra coisa ou a não significar nada.

No que diz respeito à comunidade de falantes do *Cicopi*, consideramos que o presente trabalho poderá contribuir para a divulgação dos nomes e apelidos e encorajamento para que, mais iniciativas deste género possam ter lugar, mesmo em

outras línguas moçambicanas, como é no *Xironga* por exemplo, onde encontramos nomes como *Masingitana*, *Hluphase* ou apelidos como *Ngwenya*, *Nyaka* e outros que revelam que o fenómeno de derivação impropria existe nesta língua.

É, portanto, neste âmbito que esperamos contribuir para o conhecimento, descrição, e análise da gramática das línguas bantu moçambicanas, em geral e, do *copi* em particular, e contribuir também para a promoção da cultura moçambicana.

1.4. A língua *copi*

Em Moçambique, existem zonas de aglomerados linguísticos. Contudo, estes não podem ser considerados os únicos locais em que se pode encontrar falantes de uma determinada língua, na medida em que há focos isolados de línguas faladas nativamente no nosso país em regiões que não são originariamente destes falantes. Por isso, Munguambe (2000:10) defende que “o berço da etnia *copi* começa em Chongoene e vai até Inharrime.” Por seu turno, Siteo e Ngunga (2000:167), referem que “o *Cicopi* é uma língua predominantemente falada nas províncias de Inhambane e Gaza por 245.591 falantes”, exactamente, por terem consciência da dispersão dos falantes do seu núcleo original. Siteo e Ngunga (2000) referem ainda que esta língua compreende as seguintes variantes:

“Cidonje falada em Inharrime;

Cilenge, falada em Chidenguele, Nhamavila e parte de Chongoene;

Citonga, falada em Mavila, Quissico, Guilundo até ao limite com Jangamo;

Cicopi, falada de Mavila até Madendere;

Cilambwe, falada junto ao lago Quissico e na parte oriental de Chidenguele;

Cikhambani, falada em Homoíne, partes do distrito de Panda, Manjacaze e Chibuto.” Em relação à distribuição das variantes apresentadas por Siteo e Ngunga (op.cit), somos levados a concordar com esta na medida em que corresponde à distribuição actual destas variantes. Contudo, temos algumas reservas em relação a Homoíne na medida em que parece não haver *makhambanis* nesta zona, pois a maior parte dos *copis* que ali se encontram são oriundos de Zavala e Inharrime muito distantes dos *copis* de Gaza. Se nos falassem dos *hlengwes*, não se levantariam dúvidas, todavia, consideramos que este aspecto merece uma investigação mais aprofundada, facto reconhecido pelos autores em causa (Siteo e Ngunga, 2000), que defendem que são necessários mais estudos dialectológicos para a verificação destes dados.

De entre as variantes acima apresentadas, o Seminário de padronização tomou como variante de referência, o *Cicopi*. A escolha desta variante, parece-nos abrangente pois cobre as províncias por nós trabalhadas e é, coincidentemente, falada em ambas as províncias.

O termo *copi* é uma forma aportuguesada do substantivo *m'copi*, que deriva do verbo *kucopa* palavra que significa ferir ou matar, arremessando flechas com arco, arma que os *valenge*² usavam para se defenderem durante as incursões *nguni* aos seus territórios. Em *Zulu*, *kucopa* significa arremessar flechas. Por isso, o indivíduo desta etnia passou a ser chamado *mucopi*, substantivo derivado daquele verbo e que designa aquele que lança ou arremessa flechas.

² Os actuais *vacopi*, antes de se lhes reconhecer esta habilidade na arte de *kucopa*, eram chamados *valenge* ou *Vanyamilenge* em virtude de terem vindo de Zimbabwe a pé. Em *Cicopi*, *lenge* significa pé. (Munguambe, 2000)

1.5. Problema e Hipóteses de estudo

Na gramática portuguesa (Cunha e Cintra, 1998; Pinto et al 1994) considera-se derivação imprópria como um aspecto semântico na medida em que nesta língua a derivação imprópria se verifica apenas quando há mudança da classe da palavra. Entretanto, fazendo um estudo mais aprofundado acerca do assunto no *Cicopi*, verificamos que, para além da derivação imprópria ser um aspecto semântico, também aparece coarticulada com processos morfológicos ou processos de formação de palavras. Alguns nomes e apelidos que veremos ao longo do estudo, são formados por derivação imprópria mas, sofrem processos de derivação por afixação³. Portanto, embora a derivação imprópria seja, por si só, um processo de modificação do sentido das palavras, assunto tratado pela semântica, também é, no caso do *Cicopi*, um processo coarticulado com a derivação por afixação ou seja, entra nos processos morfológicos de formação de palavras. É, portanto, neste ponto que se situa o cerne do nosso objecto de estudo, pois, as definições de derivação imprópria, ora apresentadas não cobrem todos os casos deste processo no *Cicopi*.

Partindo destes pressupostos, formulamos as seguintes hipóteses:

- 1- Alguns nomes e apelidos *copis* são formados a partir de um étimo-chave que parece ser a base sobre a qual assenta a formação e interpretação dos mesmos.
- 2- No *Cicopi*, a derivação imprópria deve ser incluída nos processos de formação de palavras.

³ Por afixo ou afixação, entenda-se a designação genérica de prefixos, infixos e sufixos (Costa & Melo, 1984:46)

CAPÍTULO II

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2. Revisão Bibliográfica

No presente capítulo pretendemos discutir alguns aspectos que consideramos indispensáveis para o prosseguimento do nosso estudo, do ponto de vista teórico. Conceitos como derivação imprópria, nome, apelido e significado constituem objecto deste capítulo.

2.1. Conceito de derivação imprópria

Na antiguidade ocidental alguns nomes e apelidos resultavam da transposição de condições de nascimento, qualidades físicas e morais do indivíduo (Editorial Verbo, 1973). Esta forma de atribuição e adopção de nomes e apelidos ainda se verifica entre os *copis* cujos nomes e apelidos são formados por derivação imprópria, através da mudança da classe da palavra. Referindo-se a este facto, Cunha & Cintra (1998) afirmam que as línguas possuem estratégias de transformação e enriquecimento vocabular por via da mudança da classe gramatical das suas palavras, sem que percam a forma. Os mesmos autores, chamam a este processo de enriquecimento vocabular pela mudança da classe da palavra, de derivação imprópria. Entretanto, Pinto et al (1994:194) definem derivação imprópria como sendo “o processo que consiste na mudança da classe de uma palavra, tal facto representa por conseguinte uma alteração semântica”. Conforme podemos depreender, na acepção destes autores, a derivação imprópria é um processo meramente semântico.

Pinto et al (op.cit) confirmam a constatação acima, ao referirem que a derivação imprópria, também, denominada conversão, habilitação ou hipóstase por linguistas modernos, não deve ser incluída entre os processos de formação de palavras. Segundo eles, este tipo de derivação, pertence à área da semântica e não à da morfologia na medida em que a semântica é a disciplina que estuda o significado das palavras e as modificações de sentido que elas vão sofrendo ao longo do tempo e do espaço como é o caso do nome comum *lobo* que passou a nome próprio por esta via. No *Cicopi*, existem nomes e apelidos que obedecem à mudança da classe da palavra por exemplo, o nome comum *Cimanga*, que significa gato, tornou-se nome próprio, apelido neste caso, por via da derivação imprópria ou seja através da simples mudança da classe da palavra.

2.2. Conceito de nome

O nome é um termo que nos identifica e nos acompanha ao longo de toda a vida. Várias têm sido as opções de atribuição e raras exceções têm obrigado os indivíduos a abdicar dos nomes atribuídos pelos progenitores ou indivíduos mais velhos com autoridade moral para tal, para usarem nomes da sua escolha, facto que deve obrigar os progenitores a serem mais cautelosos na escolha. Esta ideia encontra sustentação em Oliveira (1996:351) que afirma que “um nome próprio designa de uma maneira única um indivíduo que corresponde a um conjunto de descrições, ou se quisermos, que é identificável por um conjunto de propriedades que só a ele dizem respeito”. Portanto, o nome é uma marca que “carregamos” por toda a vida.

Geralmente, na cultura *copi*, a escolha do nome tem de ser por consenso familiar, por forma a agradar tanto os vivos como os ancestrais.



Vários autores convergem na definição do nome (Oliveira, 1996; Crystal, 1988; Costa & Melo, 1984), “o nome é uma palavra ou frase que identifica uma determinada pessoa, lugar ou coisa”. Nesta acepção, Crystal (op.cit) considera uma entidade como um indivíduo e não como membro de uma classe; por exemplo, *Everest* é um nome único (nome próprio) enquanto que “montanha” aplica-se a toda uma classe de objectos (nome comum). Portanto, nome próprio designa pessoas e nome comum designa objectos.

Para os *copis*, nome é uma designação que identifica o indivíduo desde a nascença. Normalmente, na tradição *copi*, uma pessoa pode ter dois nomes. O primeiro é o nome dos *tixolo* (ossículos) ou seja, nome pelo qual os defuntos o identificam por se tratar muitas vezes de nomes que “ressuscitam os mortos”, são nomes de entes queridos, que são atribuídos como forma de se recordarem do parente falecido e, também, como forma de dar um protector à criança. Contudo, é possível encontrar crianças a quem são atribuídos nomes de pessoas vivas.

Alguns destes nomes autóctones *copis* foram adoptados por via de empréstimos do Português, Inglês e do Afrikanse, mas que se tornaram tradicionais, por exemplo, nomes como *Basiani*, *Kanderi*, *Khia*, *Ofise* e outros.

O segundo nome é, geralmente, aquele que o indivíduo escolhe na altura em que se efectua o registo civil. Este aspecto, pensamos explicar o registo tardio dos indivíduos, principalmente no campo, porque os pais aguardam que os filhos atinjam a maioridade e escolham o segundo nome muitas vezes ligado a ritos de iniciação⁴

⁴ Ritos de iniciação, constituem o sistema tradicional de interação dos jovens no mundo dos adultos através da transmissão de educação cívica, sexual, moral e ambiental, tabus, regras funerárias, jurisprudência, higiene e saúde que os prepara para os papéis de homem e mulher na sociedade. Estas cerimónias são distintas em função do género as quais, são ministradas por tios, padrinhos ou conselheiros profissionais e, nunca pelos pais, num ambiente envolto de medo, ameaças e superstições acompanhado por danças canções e contos, por forma que os jovens acatem os ensinamentos e fiquem moldados na paciência, ponderação (Casas et al, 1998; OMM, 1984).

como circuncisão⁵ e *wukwera*⁶ para os rapazes, *mbuta*⁷ e *kulowa tindhova*⁸ para as raparigas. De salientar que o uso de dois nomes foi também motivado pelo colonialismo português, na medida em que o artigo 123º na alínea 2 do Decreto lei 41967, sobre a composição do nome, dizia que “os nomes próprios deviam ser portugueses e escolhidos de preferência nos diferentes calendários da igreja católica ou outro entre os que personagens conhecidas na história nacional usavam, e não deviam envolver referências de carácter político e nem confundir-se com nomes de família nem de coisas, animais ou qualidades, salvo tratando-se de nomes de uso muito vulgares na onomástica portuguesa”. Como se pode depreender, este disposto na lei obrigava os moçambicanos a usar nomes portugueses, contudo, continuavam a precisar dos nomes tradicionais para a esfera doméstica e ritos tradicionais, daí terem passado a usar o nome do registo civil em esferas formais e o tradicional no âmbito familiar.

Em função do exposto acima, podemos concluir que os diferentes conceitos apresentados não diferem muito, apenas encontramos diferença no número e uso dos nomes pois, na cultura *copi*, o indivíduo usa o nome tradicional num determinado contexto e o do registo noutra contexto.

⁵ circuncisão, ablação do prepúcio, pondo a glândula a descoberto (Costa & Melo, 1984:360).

⁶ *Wukwera*, dança executada por rapazes vindos da circuncisão com um segundo nome, o qual era mantido em segredo até ao fim da cerimónia. Quem quisesse conhecer o novo nome antes do fim tinha que oferecer algo ao jovem (Alfredo Ofice Neves, inhr, 21/07/01).

⁷ *Mbuta*, dança secreta acompanhada por sessões de aconselhamento nas quais participavam jovens raparigas púberes ou recém-casadas, executada no mato durante cerca de quarenta dias. A participação nestes ritos de iniciação, conferia-lhes o estatuto de adultas e dava-lhes o direito de escolherem um segundo nome (Edeline Saul Nkandze, inhr, 21/07/01).

⁸ *Kulowa tindhova*, feitura de tatuagem, que se acredita que tenham poder afrodisíaco, em jovens raparigas púberes em diante, feitas abaixo ventre, pernas, coxas, costas onde cada desenho tinha um

2.3. Conceito de apelido

O apelido é o nome de família que identifica vários indivíduos com um antepassado comum e é herdado tanto por via materna como paterna. Esta ideia encontra sustentação na Editorial Verbo (1973) que refere que o apelido era pessoal mas depois tornou-se hereditário, servindo para distinguir os diversos ramos ou famílias procedentes da mesma génese.

Um indivíduo pode mudar de apelido em função de diferentes circunstâncias tais como, conflitos familiares, profissão, comportamento e outras. Contudo, nos dias de hoje este fenómeno é muito raro. Diferentes autores convergem na conceitualização de apelido (Costa e Melo, 1984; Editorial verbo, 1973/1964) afirmando que o apelido constitui um dos elementos do nome da pessoa que constitui nome de família transmitido, ordinariamente, de geração em geração. O essencial que podemos extrair deste conceito é que o apelido é o nome que designa uma família.

O conceito de apelido entre os *copis* não difere do acima apresentado. Os nossos informantes foram unânimes em afirmar que para os *copis* o apelido é o nome de família que legitima a integração do indivíduo num determinado grupo com um antepassado comum que acreditam que os une por laços consanguíneos. Na sociedade *copi*, o apelido é herdado por via paterna ou seja, os *copis* são patrilineares. No entanto, existem raras excepções em que os filhos não herdam o apelido do pai por ele não ter pago o lobolo ou por não os reconhecer como sendo seus.

Não raras vezes, há casos em que indivíduos que ostentam apelidos diferentes se consideram parentes pelo facto de, no decorrer do tempo, nomes de certos

significado. Feitas as tatuagens, as mulheres eram consideradas adultas e com o direito de usar um segundo nome (Edeline Saul Nkandze, 21/07/01).

indivíduos da família se terem tornado apelidos. Contudo, estes indivíduos continuam reconhecendo a existência de laços de parentesco entre si, tal é o caso dos *Muyanga* que reconhecem serem *Langa*, o mesmo sucede com os *Wusaka*, *Khove*, *Nkumbi* que reconhecem serem *Nyacengwe* e muitos outros casos. Abordando o mesmo assunto, Junod (1944:372) refere que “cada clã é designado pelo nome do velho chefe que julguem ser o antepassado fundador do clã. Quando os subclãs começam a aspirar à independência no decorrer dos tempos, o primeiro antepassado tende a cair no esquecimento e se vê suplantado pelo antepassado do subclã. Pode-se notar este desenvolvimento hoje em dia em *Nondrwana* onde *Mboza* por exemplo se chama *Makaneta* mas se desejar ser mais preciso, diz sou *Mabjaia Makaneta xibongo a xi diwi*, i.e. o nome de família não é “nunca comido”, é eterno”.

À semelhança dos exemplos apresentados por Junod, é possível encontrar entre os *copis* indivíduos com dois ou mais apelidos conforme vimos nos exemplos acima. Este facto é mais notório nos momentos em que se efectuam cerimónias de evocação de antepassados, prestação de juramento ou outras cerimónias onde se faz o *kutithopa* ou seja evocação dos antepassados por ordem genealógica e exaltação dos seus feitos, onde o indivíduo usa o seu “apelido original”.

Esta forma de conceber os laços de parentesco tem implicações na escolha do parceiro na medida em que indivíduos que ostentam o mesmo apelido ainda que se desconheça a ligação ascendente entre ambas as famílias não podem contrair matrimónio e caso incorram no erro de iniciar o namoro sem que tenham conhecimento dos seus apelidos assim que tomam conhecimento, a relação é dissolvida. Casos há em que indivíduos com o mesmo apelido chegam a viver juntos e geram filhos. Antigamente, eram mais radicais, a união era imediatamente

dissolvida mas, hoje em dia, o par é submetido a um tratamento que se resume num banho feito no cruzamento de duas ruas onde é colocado um medicamento chamado *Cidayawulongo*, o que significa, "matar o parentesco", para livrá-los de infortúnios.

O banho confere legitimidade ao casal e é sinal de perdão. Mas estes casos são muito raros, porque a própria sociedade se encarrega de transmitir valores para que tal não aconteça. Isto verifica-se entre os *copis* de Inharrime contrariamente ao que acontece em Chidenguele onde indivíduos que ostentem o mesmo apelido se casam entre si. Casamentos entre indivíduos com o mesmo apelido, só é possível se os dois indivíduos não pertencerem à "mesma palhota" i.e., os pais não podem ser descendentes do mesmo indivíduo ou eles não podem ser primos paralelos, porque estes são considerados germanos e só é permitido o casamento entre filhos de primos cruzados conforme entendemos (Radcliffe Brown e Forde, 1982).

Ainda em relação ao apelido, na tradição *copi*, uma mulher, ainda que lobolada, nunca adopta o apelido do marido. Ela nunca perde o seu apelido a favor do apelido do seu marido. Ao contrário, muitas vezes como forma de acarinhá-la, o marido chama-a pelo seu apelido este facto poderá explicar a predominância de diminutivos de nomes femininos derivados de apelidos. Este facto despertou-nos interesse ao constatarmos que nenhum destes nomes é masculino.

2.4. Conceito de significado

Estando o trabalho direccionado à busca do significado etimológico dos nomes e apelidos *copis*, importa apresentar algumas discussões teóricas referentes ao conceito de significado.

O conceito de significado tem suscitado acesos debates entre os investigadores da área da semântica. Muitos destes debates têm sido em reacção à obra de Ogden e Richards (1923). Ogden e Richards (op.cit) formaram o triângulo semiótico que compreende o pensamento ou referência, o símbolo ou signo e o referente. Este triângulo semiótico tem sido alvo de críticas na medida em que algumas palavras são fáceis de conceitualizar contudo, as palavras que proferimos nem sempre têm referente no mundo real, demonstrando a insuperável dificuldade de identificar conceitos (Crystal, 1989).

Os debates acima enquadram-se no contexto da semântica da antiguidade na qual a discussão era direccionada à descoberta do significado como conceito propriamente dito. "Na Linguística moderna, o significado é estudado fazendo-se uma análise detalhada da forma como as palavras e frases são usadas em contextos específicos" (Crystal 1989:102). Por seu turno, Duranti (1977), defende que o significado da palavra é o seu uso na língua. Os pressupostos apresentados serão seguidos, neste trabalho, porque vão de acordo com o nosso conceito de significado.

Ullmann (1964) um dos seguidores do conceito moderno de significado, considera que mesmo que o conceito de significado seja um dos termos mais ambíguos da teoria da linguagem. Esta ambiguidade pode reduzir-se embora de modo algum desapareça, se limitarmos a nossa atenção ao significado das palavras e ser considerado como um complexo de relações contextuais. Pode se dizer que muitos elementos linguísticos, além das palavras, têm um significado de qualquer espécie.

Para Greimas (op.cit:11), "o mundo humano define-se, essencialmente, como mundo da significação. Só pode ser chamado "humano" na medida em que significa alguma coisa e que, é na pesquisa a respeito da significação que as ciências humanas podem encontrar o seu denominador comum. As ciências do homem, de maneira

mais ou menos explícita, interrogam-se sobre o que significam uma e outra”. Durante (op.cit), complementa Greimas (op.cit) ao afirmar que, uma das questões centrais de qualquer inquérito antropológico, tem sido, o que é que nos faz ou torna humanos? Várias têm sido as respostas em função da vertente antropológica desde o início da disciplina. Uma das formas de responder a esta questão, é procurar saber o que é que significa ser uma espécie que desenvolveu um sistema sofisticado de comunicação usualmente chamado linguagem.

Estes significados que os homens buscam têm uma forma universal de representação, a língua. A língua é uma das características humanas que os distingue de outros seres vivos. Herculano (1979), refere-se a este facto defendendo que a linguagem pertence às actividades culturais do Homem pois é uma actividade cultural por excelência e é a essência da existência de qualquer comunidade. Portanto, qualquer comunidade que queira fazer significar a sua cultura, fá-lo através da linguagem. Por isso, os semióticos soviéticos, citados por Aguiar e Silva (1983), consideram as línguas naturais como sistema semiótico universal genuíno na medida em que só elas são capazes de desenvolver sistemas de significação integrantes de uma cultura.

As considerações acima apresentadas, complementadas pela de Oliveira (1996:366), que refere que “aprender ou saber uma língua, inclui saber os significados acordados de determinadas cadeias de sons e saber combinar estas unidades noutras mais vastas, também portadoras de sentido”, mostram que deve existir consenso em relação ao significado dado às palavras e frases, na medida em que, este é acordado e partilhado pela comunidade, e que, por isso, os falantes de uma língua não são livres de alterá-lo ao seu gosto. Assim, podemos concordar que os significados dados aos nomes e apelidos são por consenso dos falantes.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

3.1. Metodologia

Para a prossecução da presente análise tomamos em consideração três métodos de obtenção de dados, nomeadamente, a recolha do corpus oral através de entrevistas, o método filológico e o método de introspecção. Para Ngunga (1998:1) “o método de entrevista é o método em que o investigador elabora, previamente, um conjunto de perguntas sobre a matéria de estudo e as apresenta a um falante que responde de acordo com o seu saber”, “o método filológico consiste num extenso trabalho de pesquisa bibliográfica sobre o que existe publicado na e sobre a língua” e refere ainda que “o método de introspecção consiste no estudo do que o investigador sabe e usa de forma inconsciente”. A opção pelos três métodos deveu-se ao facto de o método filológico ser uma das vias para encontrar suporte teórico para a análise; o método de introspecção, ser uma das alternativas, por possuímos competência linguística na língua em estudo e o método de entrevistas ser seguramente uma fonte fiável para a obtenção de dados mais sólidos com os falantes.

O nosso corpus resultou de entrevistas feitas a cerca de 40 indivíduos, dentre eles, anciãos, líderes comunitários e comunidade em geral, indivíduos de diferentes estratos tanto sociais, etários e de ambos os sexos nas províncias de Inhambane e Gaza mais concretamente no Distrito de Inharrime e Posto Administrativo de Chidenguele, respectivamente.

As entrevistas, gravadas, foram tanto individuais como colectivas com duração média de 15 minutos, focando temas como: (i) o que é que entende por nome? (ii) e

por apelido? (iii) qual é o seu nome tradicional? (iv) o que é que significa? (v) conhece outros nomes e apelidos *copi*? (vi) quais são os seus significados?

Nesta recolha de nomes e apelidos, adoptamos a ortografia proposta pelo II Seminário sobre a Padronização das Línguas Moçambicanas, pois esta constitui o padrão de escrita estabelecido por lei.

As línguas usadas durante as entrevistas foram o *Cicopi* e o Português com maior predominância da primeira língua.

3.2. Constituição do corpus

O nosso estudo é feito com base num corpus constituído por um conjunto de 30 nomes e apelidos formados por derivação imprópria, resultantes de entrevistas.

Procuramos saber dos entrevistados, o historial que levou à atribuição dos seus nomes ou apelidos e daí identificamos os étimos-chave. Esta estratégia pareceu-nos fiável na medida em que durante a narração da história dos seus nomes e apelidos, os informantes, destacavam a “ideia central” que estava em torno dos seus apelidos e daí identificávamos o étimo-chave que desencadeava a derivação imprópria, facto que facilitou a formação do nosso corpus.

O corpus apresentado em anexo foi organizado em ordem alfabética subdividindo-se em duas partes: no (anexo I) os nomes e no (anexo II) os apelidos.

3.3. Critério de selecção do corpus

Na selecção do corpus, baseamo-nos na procura de nomes e apelidos que à partida pudessem responder à necessidade de verificação das hipóteses formuladas no estudo.

O corpus foi constituído a partir de nomes e apelidos recolhidos ao longo do trabalho de campo e incluía, também, nomes e apelidos que não respondiam à necessidade de verificação das nossas hipóteses, os quais não são aqui apresentados, por forma a obedecer ao nosso objectivo.

O número de trinta nomes e apelidos foi fixado aleatoriamente, tendo havido maior preocupação em apresentar um número significativo para a verificação das hipóteses.

3.4. Codificação dos dados

No corpus, cada exemplo aparece com um número diferente do usado no capítulo da análise de dados, mas referenciado, entre parênteses curvos, no final de cada exemplo da análise de dados.

No final de cada nome ou apelido do corpus, apresentamos entre parênteses curvos o nome completo do informante, o local e a data da entrevista. Importa referir que apenas o local da entrevista aparece abreviado.

3.5. Caracterização dos informantes

Os nossos informantes são provenientes de duas províncias nomeadamente Gaza e Inhambane mais concretamente no Posto Administrativo de Chidenguele e Distrito de Inharrime respectivamente.

Durante o trabalho de campo, as mulheres não se deixavam entrevistar sem a autorização dos maridos. Daí a maior predominância de homens entre os nossos entrevistados. De um universo de 41 entrevistados 34 são homens e 7 são mulheres. Em termos percentuais 83% são homens e 17% são mulheres cujas idades variam de 45 a 90 anos.

Pudemos constatar que todos os entrevistados falavam mais de uma língua para além do *Cicopi*. As outras línguas serviam-lhes para mobilidade social como é o caso do *Xichangana*, *Gitonga*, *Xitshwa* e em alguns casos o Português. Os falantes de Português, são na maioria homens funcionários dos serviços de registo civil, algumas mulheres também funcionárias destes serviços e missionários. Pese embora alguns camponeses entrevistados, tentem falar Português.

CAPÍTULO IV
SIGNIFICADO ETIMOLÓGICO DE ALGUNS NOMES E
APELIDOS AUTÓCTONES *COPIS*, FORMADOS A PARTIR DA
DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA

4.1. Breves considerações sobre a derivação imprópria

Conforme referimos anteriormente, o presente trabalho tem o objectivo de analisar a base sobre a qual se formam e se interpretam nomes e apelidos *copis* formados a partir da derivação imprópria do ponto de vista semântico e semântico-morfológico. Entendendo-se, literalmente, por derivação imprópria a mudança de classe de uma palavra ou seja uma alteração semântica, tal definição não seria suficiente para cobrir todos os casos de derivação imprópria na medida em que, no *Cicopi* existem dois grupos de nomes e apelidos formados por derivação imprópria. Um grupo de palavras que sofre apenas mudança de classe (mudança semântica) e outro grupo que para além de sofrer mudança de classe, sofre processos morfológicos de afixação (mudança semântico-morfológica).

Em função da situação acima descrita, a presente análise de dados é subdividida em dois pontos. O primeiro contempla nomes e o segundo ponto contempla apelidos formados por derivação imprópria a serem analisados tanto do ponto de vista semântico como do ponto de vista semântico-morfológico, em ambos os casos.

4.2. Nomes formados por derivação imprópria do ponto de vista semântico e semântico-morfológico

4.2.1. Nomes (do ponto de vista semântico)

Os nomes que serão objecto de análise neste sub ponto, são os que sofrem apenas mudança de classe de palavra, que na nossa acepção, optamos por designar categoria gramatical. Estes serão analisados em grupos consoante a categoria gramatical da palavra a mudar de categoria.

De nome comum a nome próprio

1) Mama, *kilambu* yangu yi tshomokile.

Trad. Lit⁹. Mamã, botão meu caiu.

Trad. Idiom¹⁰. Mamã, o meu botão caiu.

O nome comum *kilambu* apresentado em (1), significa botão contudo, este sofreu mudança de classe e passou a ser nome próprio conforme podemos deprender no exemplo (1a):

1a) *Kilambu* wa chadha mangwana.

Trad. Lit. *Kilambu* está casar amanhã.

Trad. Idiom. *Kilambu* casa-se amanhã.

Em (1a), O nome comum *kilambu*, foi atribuído a uma criança em virtude de a mãe ter engolido um botão durante a gravidez, passando assim, a ser nome próprio. (cf.13).

⁹ Tradução Literal "consiste na tentativa de seguir a forma da língua fonte." (Larson, 1984:15)

2) Vavasikati vale vajombisa *sope*.

Trad. Lit. Mulheres aquelas destilam aguardente.

Trad. Idiom Aquelas mulheres destilam aguardente.

Em (2) apresentamos um nome comum *sope*, cujo significado primário é aguardente, que serviu de base para a atribuição de um nome próprio.

2a) Awe *Sope* u na tsula ni mame thembweni.

Trad. Lit. Tu *Sope* vais ir com mamã machamba.

Trad. Idiom. Tu *Sope* vais com a mamã à machamba.

O exemplo (2a) ilustra-nos um nome comum *sope* que se tornou nome próprio através da mudança da classe da palavra. Este nome foi atribuído a uma criança do sexo masculino, cuja mãe bebia muita aguardente durante a gravidez. (cf.19).

De qualificador¹¹ para nome

3) *Cisiwana* cilé ci na ni ndzala.

Trad. Lit. Pobrezinho aquele tem fome.

Trad. Idiom. Aquele pobrezinho está com fome.

O exemplo (3) mostra-nos um adjectivo ou qualificador *cisiwani* cujo significado primário é pobre que via derivação imprópria passou a ser nome próprio.

3a) *Cisiwani* teka mpawu. (nome próprio)

Trad. Lit. *Cisiwani* leva mandioca.

¹⁰ Tradução Idiomática "consiste na transmissão ou comunicação do significado do texto na língua fonte de uma forma natural na língua alvo." (Larson, 1984:15)

¹¹ optou-se pelo termo qualificador no lugar de adjectivo, por forma a seguir a terminologia usada nas línguas bantu. (Ngunga, 2002)

Trad. Idiom. *Cisiwani* toma uma mandioca.

O qualificador ora apresentado em (3) passou para nome próprio em virtude de o pai da criança não ter reconhecido a gravidez e daí terem-na apelidado *Cisiwani* por não ter pai e por consequência disso não ter nome de família. (cf.2).

4) Hi wonile *cixamaliso* ntini ka Lanjisu.

Trad. Lit. Vimos adimaração em casa de *Lanjisu*.

Trad. Idiom. Vimos algo digno de admiração em casa de *Lanjisu*.

O exemplo (4) ilustra-nos um adjectivo *cixamaliso* que serviu de base para a atribuição de um nome próprio a uma criança.

4a) *Cixamaliso* a na gonda Maputo.

Trad. Lit. *Cixamaliso* vai estudar Maputo.

Trad. Idiom. *Cixamaliso* vai estudar em Maputo.

O exemplo (4a) ilustra-nos um adjectivo cujo significado primário é admiração. Este nome foi atribuído a uma criança do sexo feminino, cuja mãe após várias tentativas para conceber, quando já não tinha esperança teve a menina. Por ter sido motivo de espanto atribuíram-lhe este nome. (cf. 3).

5) Hi hanya *mxomuloni*.

Trad. Lit. Vivemos na pobreza.

Trad. Idiom. Vivemos na pobreza.

O exemplo (5) ilustra-nos um qualificador cujo significado primário é viver na penúria ou pobreza que serviu de base para a formação de um nome. Um falante do *Cicopi* pode, facilmente, reconhecer este qualificador e, usado como nome, ele por si

só suscita curiosidade do motivo da atribuição deste como nome, servindo de pista para chegar ao significado deste nome próprio que a seguir apresentamos:

5a) *Mxomulwane* a gondide ngutu.

Trad. Lit. *Mxomulwane* estudou muito.

Trad. Idiom. *Mxomulwane* é um homem instruído.

O nome próprio *Mxomulwane* apresentado em (5a) foi atribuído via derivação imprópria em virtude da criança ter nascido numa altura de muita fome devido à seca. (cf.14).

De forma verbal para nome

6) *Fenyani* hi na tsula cingwereni.

Trad. Lit. Penteiem nós irmos ao baile.

Trad. Idiom. Penteiem para irmos ao baile.

O exemplo (6) mostra-nos uma forma verbal *fenyani* cujo significado primário é penteiem. Forma do verbo pentear no imperativo que passou a nome conforme ilustra o exemplo a seguir:

6a) *Fenyani* a gondisa ciputukezi.

Trad. Lit. *Fenyani* faz aprender Português.

Trad. Idiom. O sr. *Fenyani* é professor de Português.

Em (6a) *Fenyani* passou a ser nome próprio a mãe da criança cognominada, tinha medo de pentear e após o parto as parteiras em jeito de gozo perguntaram-na se podiam penteá-la e ela respondeu: *Fenyani* e assim a criança passou a chamar-se. (cf.12).

7) *Sinyani makhara mame a hefemute.*

Trad. Lit. Dancem *makhara* a mamã já respirou.

Trad. Idiom. Dancem *makhara* a mamã já deu à luz.

O exemplo (7) ilustra-nos uma forma verbal cujo significado primário é dancem.

7a) *Sinyani a sinya timbila.*

Trad. Lit. *Sinyani* dança *timbila*.

Trad. Idiom. *Sinyani* é dançarina de *timbila*.

O exemplo (7a) ilustra-nos uma forma verbal, que passou a nome próprio em virtude de uma mulher, que tinha cinco raparigas e nenhum rapaz, ter advertido antes de dar a luz, que caso nascesse mais uma menina, não dançassem de alegria como é costume entre os *copis*. Contudo, nasceu um rapaz e ao se aproximar de todos, que estavam expectantes, a parteira disse *sinyani* (dancem) e concluíram que se tratava de um rapaz e, o menino passou a chamar-se *Sinyani*. (cf.18).

8) *Tsakani motshenu mhunu ditsiku da khisimusi da vavasikati.*

Trad. Lit. Alegrem-se todos hoje é dia de festa das mulheres.

Trad. Idiom. Alegrem-se todos hoje é dia de natal.

Em (8), o verbo alegrar no imperativo *tsakani* cujo significado primário é alegrem-se, serviu de base para a atribuição de um nome próprio que a seguir apresentamos:

8a) *Tsakani a veleka ngutu.*

Trad. Lit. *Tsakani* nasce muito.

Trad. Idiom. *Tsakani* gera muitos filhos.

O exemplo (8a) mostra-nos uma forma verbal que se tornou nome próprio via derivação imprópria. Este nome foi atribuído à criança porque os pais lamentavam sempre o facto de não conseguirem ter filhos e sempre que saudassem as pessoas diziam: *ha hanya ho pwata citsakiso ca nkhoeni* (estamos bem, apenas falta-nos um filho para alegrar-nos o rosto) e quando a criança nasceu as pessoas disseram: *tsakani aku mi nga mana citsakiso ca nkhoeni* (agora que vos nasceu esta criança, vivam alegres) e o filho passou a chamar-se *Tsakani*. (cf.5).

Os exemplos acima ilustram-nos nomes formados por derivação imprópria como um simples processo de mudança de classe da palavra ou seja a derivação imprópria do ponto de vista semântico, que corresponde à letra às definições anteriormente apresentadas. Portanto é apenas uma alteração do ponto de vista semântico. Contudo, o conceito de derivação imprópria não cobre todos os casos no *Cicopi*, na medida em que esta, também, aparece coarticulada a processos morfológicos ou de formação de palavras como se pode verificar no ponto a seguir, exemplos que sustentam a nossa posição:

4.2.2. Nomes (do ponto de vista semântico-morfológico)

A análise a seguir, debruça-se sobre nomes formados por derivação imprópria e em cuja estrutura ocorrem processos morfológicos de afixação.

De nome comum a nome próprio

9) Teka *cirema* cilé u tsula thembweni u ci ya lava m'bava.

Trad. Lit. Leva cestinho aquele ir para machamba ir procurar cacana.

Trad. Idiom. Leva aquele cestinho e vá à machamba procurar cacana.

O exemplo (9) mostra-nos um nome comum *cirema* cujo significado primário é cesto (usado na recollecção ou apanha de castanha de caju) mas que através da derivação imprópria tornou-se nome próprio.

9a) *Ciremane* a tsute wukati.

Trad. Lit. *Ciremane* foi lar.

Trad. Idiom. *Ciremane* foi para o lar ou casou-se.

Em (9a) o nome comum *cirema*, ao qual se afixou o sufixo *-ane* (marca de desinência de diminutivos, (Santos, 1941)) passando a ser nome próprio, *Ciremane*, em virtude de uma mãe ter ido à machamba durante todo o período de gestação com um cestinho (*ciremane*) contendo merendas especiais só para ela. Daí o facto de terem apelidado a criança de *Ciremane*. (cf.1).

10) Fenengeta mwanana ngu *didhamba* dakwe.

Trad. Lit. Cubra criança com manta dela.

Trad. Idiom. Cubra a criança com a sua manta .

O exemplo (10) mostra-nos um nome comum *didhamba* cujo significado primário é manta mas que através da derivação imprópria tornou-se nome próprio.

10a) *Cidhambane* a tsute ku Nyarimi.

Trad. Lit. *Cidhambane* foi Nyarimi.

Trad. Idiom. *Cidhambane* foi para Nyarimi (Inharrime).

O exemplo (10a) mostra-nos um nome comum *didhamba* que passou a nome próprio *Cidhambane*, para tal, ligou-se-lhe o sufixo *-ane*. Este nome foi atribuído a um

indivíduo pelo facto de a mãe ter engravidado de um rapaz vindo das minas da África do Sul, o qual ao pedi-la em namoro ofereceu-lhe uma mantinha. Nascida a criança, apelidaram-na *Cidhambane*. (cf.7).

11) *Chukela yi pede*.

Trad. Lit. Açúcar acabou.

Trad. Idiom. O açúcar acabou.

Em (11), o nome comum *chukela* introduzido no *Cicopi* por via de empréstimo do inglês (*Sugar*) que em ambas as línguas significa açúcar tornou-se nome próprio através da derivação imprópria conforme ilustra o exemplo a seguir:

11a) *Tate Chukelane atshumede joni*.

Trad. Lit. Papá *Chukelane* voltou África do Sul.

Trad. Idiom. O Sr. *Chukelane* voltou para a África do Sul.

O exemplo (11a), ilustra-nos como é feita a formação do nome *Chukelane* cuja base é *chukela* à qual se ligou o sufixo *-ane*. Portanto *Chukelane* significa mais novo ou xará de *Chukela*. Este nome foi atribuído à criança pelo pai recém-chegado da África do Sul que pretendia exibir o seu novo vocabulário em Inglês. (cf.8).

De qualificador para nome

12) *Mame wulé ana ni tshofu*.

Trad. Lit: Mãe ou senhora aquela tem má.

Trad. Idiom: Aquela senhora é má.

O exemplo (12) mostra-nos o qualificador *tshofu* (mau o má) que serviu de base para a formação do nome que a seguir apresentamos:

12a) Ni wonile *Tshofwane* mhunu.

Trad. Lit: Vi a *Tshofwane* hoje.

Trad. Idiom: Vi a *Tshofwane* hoje.

O exemplo (12a), ilustra-nos como é feita a formação do nome *Tshofwane* cuja base é *Tshofu* à qual se ligou o sufixo *-ane*. Neste exemplo de derivação imprópria podemos notar tanto o aspecto semântico como o morfológico na medida em que este nome comum foi derivado por sufixação, juntando-se ao étimo-chave a marca de desinência de diminutivos e em resultado disso, o qualificador foi transformado em nome próprio para dar a ideia de mais novo de *Tshofu*, que na nossa aceção optamos por designar derivação classificatória. (cf.6).

13) Mame wulé a dya *mbinyeto* wukati kwakwe.

Trad. Lit. Senhora aquela come castigo no lar dela.

Trad. Idiom. Aquela senhora sofre castigos severos no seu lar.

O exemplo (13) mostra-nos um qualificador *mbinyeto* que serviu de base para a formação do nome que a seguir apresentamos:

13a) *Mbinyetwane* a tsute Thembweni.

Trad. Lit. *Mbinyetwane* foi machamba.

Trad. Idiom. *Mbinyetwane* foi à machamba.

O exemplo (13a) mostra-nos um qualificador que passou para nome próprio devido aos maus tratos que a mãe do cognominado sofreu por parte do marido, durante a gravidez. Ao qualificador *Mbinyeto* foi adicionado o sufixo *-ane* para a formação deste nome..(cf.4).

Os exemplos ora apresentados, ilustram-nos casos de nomes *copis* formados por derivação imprópria em cuja formação houve uma coarticulação de processos semânticos e morfológicos. Salientar o facto de muitos dos diminutivos dos nomes resultarem da afixação do sufixo *-ane* que é uma marca da desinência dos diminutivos, processo ao qual chamaremos derivação classificatória, que significa que o detentor do nome na forma diminutiva é mais novo ou recebeu o nome de alguém mais velho, cujo nome quando atribuído a uma criança, acrescenta-se-lhe a marca de desinência dos diminutivos. Vejam-se alguns exemplos:

14) <i>Sawuti</i>	“sal”	14a) <i>Sawutyane</i> (cf.15)
15) <i>Sepu</i>	“sabão”	15a) <i>Sepwane</i> (cf.16)
16) <i>Ditshuri</i>	“verdade”	16a) <i>Ditshuryane</i> (cf.10)
17) <i>Dhoropa</i>	“cidade”	17a) <i>Dhoropane</i> (cf.9)
18) <i>Faduku</i>	“lenço”	18a) <i>Fadukwane</i> (cf.11)
19) <i>Simbi</i>	“ferro”	19a) <i>Simbyane</i> (cf.17)

Os exemplos acima ilustram as transformações que ocorrem aquando da atribuição de um nome de um indivíduo adulto (exemplos 14 a 19) a uma criança onde a estes é sufixada a marca de desinência dos diminutivos *-ane* para dar a ideia de mais novo de fulano ou seja xará de beltrano (exemplos 14a a 19a). Portanto, embora a derivação imprópria seja por si só uma modificação do sentido das palavras assunto tratado pela semântica, também é, no caso do *Cicopi*, um processo coarticulado com a morfologia ou seja, a derivação imprópria deve ser incluída nos processos de formação de palavras no caso do *Cicopi* confirmando-se deste modo, a nossa

segunda hipótese. Este tipo de casos também se verifica nos apelidos como poderemos constatar ao longo do ponto que se segue.

4.3. Apelidos formados por derivação imprópria do ponto de vista semântico e semântico-morfológico.

4.3.1. Apelidos (do ponto de vista semântico)

Neste sub ponto da análise de dados, analisaremos apelidos formados por derivação imprópria propriamente dita e separaremos os apelidos em função da categoria gramatical da palavra a mudar de classe.

De nome comum a apelido

20) Titshokoti ti ha ka *ciruka*.

Trad.Lit. As formigas estão aqui no morro de muchém.

Trad.Idiom. As formigas estão no morro de muchém.

O exemplo (20) ilustra-nos um nome comum *Cirura*, que serviu de base para a formação do apelido que a seguir apresentamos.

20a) *Ciruka* wa danwa.

Trad.Lit. *Ciruka* estão a te chamar.

Trad.Idiom. *Ciruka* chamam-te.

O apelido *Ciruka* apresentado em (9a), resulta do facto de *Litsure* e sua família que se achavam perdidos na mata após encetar uma fuga dos ataques nguni, e que durante a fuga trouxera consigo carne de búfalo mas não tinha fogo. A dado passo

aperceberam-se da existência de fogo algures devido ao fumo que viam mas esse lugar era distante e para localizá-lo tiveram que subir num morro de muchém. De seguida, rumaram em direcção ao fogo. Ao chegarem ao local encontraram *Malembele Nhozele* que lhes perguntou como é que o tinham localizado e eles responderam: *hi yo kandzihá xiruka* (subimos num morro de muchém) e ele passou a chamá-los *Ciruka*. (cf.22).

De qualificador para apelido

21) *Kha mi bhikisi cilenje m'bava*.

Trad.Lit. Não cozinham à maneira *lenje* cacana.

Trad.Idiom. Não cozinham cacana à maneira *lenje*.

O exemplo (21) ilustra-nos um adjectivo cujo significado primário é modo de vida *lenje* ou *lenge*.

21a) *Di cite, Cilenge*.

Trad.Lit. Amanheceu, *Cilenge*.

Trad.Idiom. Bom dia, *Cilenge*.

O exemplo (21a) ilustra-nos um adjectivo que serviu de base para a atribuição de um apelido. O nome inicial dos *copis* antes de serem cognominados pelos *nguni* era *valenge* de onde deriva o qualificador *cilenge*. (cf.21).

22) *Mi hanyisa Wusaka*.

Trad.Lit. Vivem à maneira dos ninhos.

Trad.Lit. Vivem tão apertados, como que em ninhos estivessem.

O qualificador *wusaka*, apresentado em (22) deriva do substantivo *cisaka* (ninho), que para se tornar adjectivo, substitui-se o prefixo nominal da classe¹² seis *ci-* pelo prefixo da classe catorze *wu-*, para formar o qualificador, que serviu de base para a atribuição de um apelido.

22a) Mani *Wusaka* a bhikile mipawu ni n'tona.

Trad.Lit. Sra. *Wusaka* cozinhou mandioca com *n'tona* (óleo de mafura).

Trad.Idiom. A Sra. *Wusaka* cozinhou mandioca com *n'tona*.

O exemplo (22a) ilustra-nos um adjectivo cujo significado primário é viver à maneira dos ninhos, que serviu de apelido para indivíduos da família *Nyacengwe* em virtude destes terem construído as suas casas muito próximas umas das outras, algo invulgar entre os *copis*, aos quais passaram a chamar *Wusaka*, por viverem muito próximos uns dos outros como se de ninhos se tratasse. (cf.30).

De forma verbal para apelido

23) A ci lamba a teketela vasikati va vakwawe *chimani*.

Trad. Lit. Se ele negar andar a levar mulheres dos outros castrem-no.

Trad.Idiom. Se ele continuar a meter-se com mulheres alheias castrem-no.

Em (23), ilustra-se o verbo castrar (*chimani*) no imperativo, o qual não passa despercebido perante um falante *copi* atento, que pode levá-lo a perguntar a razão da atribuição de tal apelido, que a seguir narramos a história da sua atribuição:

¹² Entenda-se por prefixo nominal, o morfema preso que se antepõe ao radical. A função principal desta partícula morfológica é de servir de controlador da flexão do nome. Por outro lado, designa-se por classe nominal ao conjunto de nomes com o mesmo prefixo e/ou padrão de concordância. Nas classes nominais, distinguem-se duas partes um prefixo e um tema nominal ou radical. (Ngunga, 2002)

23a) Ci bongo cangu ni *Chimani*.

Trad. Lit. Apelido meu sou *Chimani*.

Trad. Idiom. O meu apelido é *Chimani*.

A forma verbal apresentada em (23a) tornou-se apelido via derivação imprópria em virtude de *Luzwani* e *Mangwengwe N'kumbi* terem cometido adultério e como pena quiseram castrá-los mas estes fugiram antes de se consumar a pena e ao chegarem a Chidengele foram recebidos pelo régulo *Mungwambi* que lhes perguntou de onde vinham, ao que responderam: *hi ta ngu Nyarimi va do chimani tseyo hi nje kuthava* i.e viemos de Inharrime, quiseram castrar-nos e nós fugimos. A partir daí os locais passaram a chamá-los *Chimani*. (cf.20).



Os exemplos acima ilustram-nos apelidos formados por derivação imprópria em cuja formação, apenas se alterou a classe da palavra à semelhança do que aconteceu com os nomes no ponto anterior. Estas palavras por sua vez, constituem a base de formação e interpretação dos mesmos. Contudo, `a semelhança dos nomes, também podemos encontrar no *Cicopi* apelidos formados por derivação imprópria, que podem ser também incluídos, para além do âmbito da semântica, nos processos de formação de palavras como ilustra o ponto que a seguir apresentamos.

4.3.2. Apelidos (do ponto de vista semântico-morfológico)

Neste sub ponto, pretendemos dar conta dos apelidos formados por derivação imprópria coarticulada com processos morfológicos de afixação.

De nome comum para apelido

24) *Tin'ombe* tangu ti gumile ngu yimbi.

Trad. Lit: Bois meus acabaram com a guerra.

Trad. Idiom: Os meus bois foram dizimados pela guerra.

O exemplo (24) mostra-nos um nome comum *tin'ombe* (termo usado pelos *copis* de Inharrime para designar boi mas, além deste, usam *homu* ou ainda, *Khawu* por influência do Inglês) que é por sua vez o étimo-chave deste nome.

24a) Va ni danile ntini ka tate *Nyan'ombe*.

Trad. Lit: Me chamaram casa de senhor *Nyan'ombe*.

Trad. Idiom: Chamaram-me em casa do senhor *Nyan'ombe*.

O exemplo (24a) mostra-nos a formação do apelido *Nyan'ombe* cuja base é *n'ombe* singular de *tin'ombe*, à qual se ligou o prefixo *nya-*, que é uma evolução do prefixo *Mu-* da 1ª classe nominal (Santos,1941), que significa senhor ou dono. Portanto, *Nyan'ombe* significa senhor ou dono de uma manada de gado que passou a ser usado como apelido, em virtude de o senhor *Xisano*, ter pago em bois, o lobolo de uma mulher da família *Nyacengwe*, os quais apelidaram-no *Nyatin'ombe* termo que evoluiu para *Nyan'ombe*, porque se tratava de algo novo naquelas bandas na medida em que este era pago mediante a entrega de enxadas ou libras.

Neste exemplo de derivação imprópria, estão patentes dois processos o semântico e o morfológico na medida em que o nome comum *n'ombe* foi derivado por prefixação juntando-se ao étimo-chave o prefixo nominal da classe1. (cf.28).

25) Tate a na dya *bhete*.

Trad. Lit.a Papá vai comer a primeira porção de ananás.

Trad.Idiom. O papá vai comer a primeira porção de ananás.

O exemplo (25) ilustra-nos um nome próprio *bhete* que em *Cicopi* significa, primeira porção de ananás, que serviu de base para apelidar uma família pelas razões que a seguir apresentamos:

25a) Va ka *Nyabhete* va pfunile hanyamwaka. (nome próprio, apelido)

Trad. Lit. Família *Nyabete* produziu no ano passado.

Trad. Idiom. No ano passado, a família *Nyabhete* produziu muito nas suas machambas.

O exemplo (25a) mostra-nos a formação do apelido *Nyabhete* cuja base é *bhete* à qual se ligou o prefixo *nya-*. Este apelido foi-lhes atribuído por serem grandes produtores de ananás. Portanto, *Nyabhete* significa senhor ou dono da primeira fatia de ananás. (cf.26).

26) *tingwamba* tivitidwe.

Trad. Lit. jambalaus amadureceram.

Trad. Idiom. Os jambalaus já amadureceram.

O exemplo (26) ilustra-nos um nome comum *tingwamba*, fruta típica do nosso país, que serviu de base para atribuir um apelido que a seguir, apresentamos:

26a) Tate *Mungwambi* wa runga simaha.

Trad. Lit. Papá *Mungwambi* cose roupas.

Trad. Idiom. O Sr. *Mungwambi* é alfaiate.

O exemplo (26a) ilustra-nos um nome próprio de uma fruta que sofreu derivação por prefixação, juntando-lhe o prefixo *mu-* da primeira classe nominal para dar a ideia de senhor ou dono de algo, este apelido foi atribuído a três jovens da família *Sithole*,

que interromperam uma missão, separando-se do grupo com o qual iam cumprir a referida missão para comerem *tingwamba* (*jambalau*), os outros membros do grupo seguiram viagem deixando-os para trás. O grupo que se adiantou, apresentou-se perante o rei, mas este notou a falta dos outros três e, perguntou por eles e estes disseram: *va nga ci dya tingwamba ha ndzila* (ainda estão a comer *jambalaus* no caminho). Quando os três atrasados chegaram à povoação, o povo apelidou-lhes *Mungwambi*, por não terem terminado a missão, entretidos a comer *jambalaus*. (cf.23).

27) *mwanana a betile mbele*¹³ *nzeveni*.

Trad.Lit. Criança meteu grão de milho orelha na.

Trad. Idiom. A criança meteu um grão de milho na orelha.

O exemplo (27) ilustra-nos um nome comum *mbele* cujo significado primário é grão de milho que serviu de base para a atribuição de um apelido como a seguir veremos.

27a) *Va ka Nyambele va pfuna ngutu mavele*.

Trad.Lit. Família *Nyambele* produzem muito milho.

Trad.Idiom. A família *Nyambele* produz muito milho.

O exemplo (27a) mostra-nos a formação do apelido *Nyambele* cuja base é *mbele* à qual se ligou o prefixo *nya-*. Este apelido foi-lhes atribuído em virtude destes habitantes junto de um rio afluente do rio *Inharrime*, serem grandes produtores de milho. (cf.27).

¹³ *mbele* é um termo arcaico que os *copis* usavam para designar grão de milho. O termo usado hoje em dia é *pfaka*.

De forma verbal para nome

28) Mwane a *tumbute* mati.

Trad.Lit. Cunhado descobriu água.

Trad. Idiom. O cunhado descobriu uma fonte de água.

Kutumbula, significa descobrir, em Cicopi. Este verbo apresentado em (28) serviu de base para a formação do seguinte apelido:

28a) Va ka *Nyantumbu* va biliviti ngutu.

Trad.Lit. Os da família *Nyantumbu* são claros muito.

Trad.Idiom. Os *Nyantumbu* são muito claros.

O exemplo (28a) ilustra-nos uma forma verbal que foi transformada em apelido através da introdução do prefixo *nya-* que neste caso significa senhor. Este apelido surge em virtude de *Nyambi*, ter descoberto o mar, daí os seus familiares o terem apelidado *Nyantumbu* (descobridor). (cf.29).

29) *Kandza*¹⁴ mavele.

Trad. Lit. Pile milho.

Trad.Idiom. Pile milho.

O exemplo (29) ilustra-nos uma forma verbal *-kandza* cujo significado primário é pilar que serviu de ideia central para a formação do apelido que a seguir apresentamos:

29a) *N'kanze* a wuyisile madhamba ngu joni.

Trad.Lit. *N'kanze* trouxe mantas da África do Sul.

¹⁴ O termo *kandza* foi introduzido pelos *Nhovele* em cuja zona de origem se falava *changana* para os *copis* pilar é *kusinza*..

Trad.Idiom. O sr. *N'kanze* trouxe mantas da África do Sul

A forma verbal *-kandza* sofreu deverbação¹⁵ (Kishindo, 1991) através da introdução do alomorfe do prefixo da classe um *n-*, assim, o verbo deixou de ser verbo em (29a). Este verbo tornou-se apelido quando um dos irmãos mais novos de *Malembele Nhovele*, se recusou a encetar uma fuga repentina dos nguni, de Bileni para Inhambane, sem preparar mantimentos para a sua grande família, pois, tratava-se de uma longa caminhada. Ele disse a *Malembele*: *ndza ha ta kandza mbuva* i.e. ainda vou preparar merenda. A partir desse momento os que partiram apelidaram-no *N'kanze*. (cf.24).

30) Ngani wo *kumba* ni nga kuveleka.

Trad.Lit. Sou eu a velha que te nasceu.

Trad.Idiom. Embora velha sou tua mãe.

O exemplo (30) ilustra-nos uma forma verbal *-kumba* que significa velho/a em *Cicopi*, a partir da qual se formou o apelido que ilustramos em (30a):

30a) *N'kumbi* i mwanana wa Nyachengwe.

Trad. Lit. *N'kumbi* é filho de *Nyachengwe*.

Trad.Idiom. *N'kumbi* é descendente de *Nyachengwe*.

A forma verbal *-kumba* em (30a) sofreu deverbação pela afixação do prefixo nominal da classe um *mu-*, que por sua vez, sofreu transformações e realiza-se como uma nasal silábica *N'-*, este verbo tornou-se apelido via derivação imprópria, quando o régulo *Nyachengwe* morreu e, para se retomar a vida normal, no reino era necessário que alguém tivesse uma relação incestuosa com a sua mulher mais velha, muito idosa. Contudo *Lizingi*, seu filho mais velho, que era quem devia cumprir com o

ritual não quis. Então *Mathusani* teve coragem e cumpriu com o ritual e o povo espantado perguntou; *a di so ntsanela nya kukumba yulé? N'fana yulé i n'kumbi* i.e. Será que aquele miúdo teve coragem de se deitar com uma mulher tão velha? Então este miúdo é velho. A partir daí passaram a chamá-lo *N'kumbi*. (cf. 25).

Os exemplos acima ilustram-nos nomes e apelidos autóctones *copis* formados por derivação imprópria em cuja estrutura encontramos para além do étimo-chave, algumas transformações morfológicas, sem que, o étimo-chave, que na acepção de Nhaombe (1991:41), “possui maior carga semântica em relação aos outros constituintes e é a base a partir da qual se forma e se interpreta toda a expressão”, perca a sua função. Sendo assim, é lícito dizer que alguns nomes e apelidos *copis* possuem um étimo-chave que constitui a base da sua formação e interpretação e que a derivação imprópria deve ser incluída nos processos de formação de palavras para que esta possa cobrir todos os casos, tanto do ponto de vista semântico como do ponto de vista morfológico, confirmando-se deste modo as nossas duas hipóteses de partida.

4.4. Discussão geral dos dados

Nesta secção, iremos proceder à discussão dos resultados das entrevistas e da análise do corpus e à sua posterior interpretação à luz dos objectivos que nortearam o presente estudo.

Nas entrevistas, os dados referentes à proveniência dos indivíduos, permitem-nos verificar que estamos perante falantes, cuja língua materna é o *Cicopi*.

¹⁵ Deverbal, “diz-se de um substantivo derivado de um verbo” (Costa e Melo, 1999:358)

A nível profissional, tendo em conta os locais de entrevista, encontramos maioritariamente camponeses falantes fluêntes do *Cicopi*. Dada a natureza das nossas entrevistas, que requeriam que os entrevistados fossem indivíduos adultos falantes nativos do *Cicopi* e com idoneidade, temos, por isso, idosos na maioria.

De harmonia com os nossos objectivos, estes dados fornecem-nos, por um lado, indivíduos idóneos para contarem histórias acerca de nomes e apelidos, por outro lado, os dados mostram-nos que estamos perante indivíduos que têm ou tiveram oportunidade de receber este legado cultural via tradição oral, uma vez que para além de se tratar dos seus nomes e apelidos, tiveram a oportunidade de confirmar as suas versões perante os outros participantes nas banjas.

Os dados fornecidos pelos entrevistados, demonstram que alguns nomes e apelidos *copis*, possuem um étimo – chave que é a base sobre a qual assenta a formação e interpretação destes, mesmo nos casos em que ocorrem processos morfológicos. Num nome ou apelido, o étimo – chave, possui maior carga semântica na medida em que, é, por um lado, a pista que leva ao desencadeamento da interpretação dos mesmos, pois, não passa despercebido de qualquer falante e, por outro, é a partir deste que se formam e se interpretam.

Conjugando estes resultados, parece lógico afirmar que aprendida a língua, estes casos de derivação imprópria, suscitam curiosidade nos falantes e criam condições para que se conte todo o historial ligado à atribuição e adopção dos nomes e apelidos. Devido à sua carga semântica, são facilmente detectados, criando condições para que mais histórias sejam contadas transmitindo-se deste modo, a nossa cultura. Contudo, isto só é possível quando se tem conhecimento da língua, por isso somos levados a concordar com Duranti (1977:332) que refere que “ter uma cultura significa ter comunicação, e ter comunicação, significa ter acesso à língua”.

CAPÍTULO V

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

5. Conclusões

Ao longo do presente estudo, pretendemos fazer uma análise semântico-morfológica da base sobre a qual se formam e se interpretam os nomes e apelidos formados a partir da derivação imprópria. Podemos afirmar que os nomes e apelidos recolhidos não passam despercebidos a alguns falantes *copis* atentos mesmo que não tenham noção de derivação imprópria.

A análise tomou como base evidências empíricas constatadas na tradição oral colectiva dos *copis* de onde se extraíram os étimos-chave. A partir da análise feita podemos afirmar que os nomes e apelidos recolhidos possuem um étimo-chave que é a base de interpretação dos mesmos. Estes étimos-chave na sua maioria extraídos das condições de momento relacionados com acontecimentos ocorridos aquando da adopção ou atribuição, são uma espécie de ideia central que norteia o acontecimento. Uma vez identificado o étimo-chave é possível chegar ao significado dos nomes e apelidos na medida em que, este possui maior carga semântica em relação aos outros constituintes e é a base a partir da qual se forma e se interpreta toda a expressão. Também, o facto do étimo-chave ter um significado primário, suscita curiosidade e, a partir dele se começa a narrar o historial da formação de um determinado nome e apelido. É, pois, o principal motivo, que leva a que, eles sejam considerados a principal pista para o desencadeamento da interpretação a partir do significado primário até ao significado contextual, na medida em que é através destes que se formam e se interpretam alguns nomes e apelidos no seu todo.

Baseando-nos nos étimos-chave com um significado primário, constatamos que, num outro contexto, os mesmos possuíam outro significado. Por exemplo, há palavras que quando passam de qualificador para nome, geralmente, indicam características, condições de nascimento ou qualidades do indivíduo condição social do indivíduo, condições vividas pela mãe durante a gravidez e outros acontecimentos que ocorrem em torno da gravidez, momento do parto ou momento de atribuição do nome.

Constatamos, também, que alguns étimos-chave são associados a afixos que dependendo da sua natureza dão a ideia de pessoa, personificavam animais, como é o caso do prefixo da primeira classe nominal *mu-*. Vimos que a marca de desinência dos diminutivos *-ane*, dá a ideia de mais novo de fulano ou xará de beltrano e que na passagem de forma verbal para nome próprio, o prefixo da primeira classe nominal torna os verbos deverbativos.

Assim, os dados analisados, confirmam as nossas hipóteses de partida, segundo as quais alguns nomes e apelidos *copis* são formados a partir de um étimo-chave que parece ser a base sobre a qual assenta a formação e interpretação dos mesmos e a hipótese segundo a qual a derivação imprópria deve ser incluída nos processos de formação de palavras.

5.1. Recomendações

A derivação imprópria, abarca várias vertentes linguísticas, sendo assim, não foi possível analisar nomes de lugares formados por derivação imprópria, pois, este debruça-se sobre a onomástica e não contempla a toponomástica. Entretanto, existe um estudo feito por Cabral (1975), com algumas lacunas na medida em que alguns

nomes geográficos apresentados no estudo carecem de confirmação. Por isso recomendamos um estudo neste sentido.

Ainda no âmbito do estudo dos nomes, recomendamos um estudo de nomes próprios compostos aos quais Crystal (1989) chama de patronímicos, por derivarem por via paterna como por exemplo, *mani Langa*. Estes nomes são usados no discurso oral dos *copis* para chamar, invocar um indivíduo, demonstrar respeito pela mulher, pelos pais, pela sua família ou para acarinhá-la ao chamá-la, ou seja, uma mulher pode ser tratada pelo nome ou apelido do pai acrescentando-se para o efeito um vocábulo *mani*, que significa filha de x ou mulher da família y.

Estas fórmulas, apelam ao vocativo e por isso, as remetemos para o âmbito da sintaxe, área que se dedica ao estudo do vocativo.

Além do vocativo, temos no âmbito da sintaxe nomes como *Cihari muni, Tate ngu waku*, que derivam de frases que carecem de um estudo.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR e SILVA, V. M. de. 1983. *Teoria da Literatura*. Almedina: Coimbra.

BENSON, C. 1998. Alguns resultados Avaliação Externa da Experiência da Escolarização bilingue em Moçambique. In Stroud & Tuzine (eds). *Uso de Línguas Africanas no Ensino: Problemas e Perspectivas*. INDE: Maputo

CABRAL, A. C. P. 1975. *Dicionário de nomes Geográficos de Moçambique- Sua origem*. Empresa Moderna. Lourenço Marques.

CABRAL, J. R. P. 1912. *Relatório do Governador do Distrito de Inhambane dos anos de 1910 e 1911*. Imprensa Nacional. Lourenço Marques.

CASAS, M. I.; DA SILVA, T.; LOFORTE, A.; MEJIA, M. 1998. *Perfil do género da Província de Nampula: Relatório final*. Embaixada do Reino dos Países Baixos. Maputo, Nampula.

COSTA, J. A. & MELO, A. S. 1984. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 6ª Edição. Porto Editora. Porto.

CRYSTAL, D. 1995. *The Cambridge Encyclopedia of the English Language*. Cambridge University Press. New York.

_____ 1989. *The Cambridge Encyclopedia of Language*. Cambridge University Press. New York.

CUNHA, C. & CINTRA, L. 1998. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Edições Joao Sá da Costa. 14ª edição. Lisboa.

DIAS, C. R. (ed). *Código do Registo Civil. Decreto Lei nº41967*. Imprensa Nacional. Lisboa.

DURANTI, A. 1977. *Linguistic Anthropology*. MA: CUP. Cambridge.

EDITORIAL VERBO. 1973. *Enciclopédia Luso-Brasileira da Cultura*. Verbo. Vol.14. Lisboa.

_____. 1964. *Enciclopédia Luso-Brasileira da Cultura*. Verbo. Vol.2. Lisboa.

FIRMINO, G. 2002. *A Questão Linguística na África Pós-colonial: O caso do Português e das línguas autóctones em Moçambique*. Promédia. Maputo.

GREIMAS, A. J. 1966. *Semântica Estrutural*. Editora Cultrix. Universidade de São Paulo. São Paulo.

HERCULANO de CARVALHO, J. G. 1979. *Teoria da Linguagem: Natureza do Fenómeno Linguístico e a Análise das Línguas*. Atlântida Editora. Coimbra.

JACQUES, A. A. 1938. *Swivongo swa Machangana*. Sasavona Publishers & Booksellers. Privatebag X8 Braamfontein.

JUNOD, H. 1944. *Usos e costumes dos Bantu: A vida de uma tribo sul africana; Vida social*. Tomo I. Imprensa Nacional de Moçambique. Maputo.

KISHINDO, P. J. 1991. On the head of the derived nominal in Chichewa. In Armando Jorge Lopes (ed.). *Proceedings of the Third LASU Conference/Workshop*. Universidade Eduardo Mondlane. Maputo. Moçambique.

LARSON, M. L. 1984. *Meanig based translation: A guide to cross-language equivalence*. Lanham, University Press of América.

LOPES, A. J. 1997. *Política Linguística: Princípios e Problemas*. Livraria Universitária. Universidade Eduardo Mondlane. Maputo.

LYONS, J. 1977. *Semantics*. Cambridge University Press.

MUCOMBO, A. S. 1998. *Nkutsulani wa matimu ya vatswa*. Sasavona Publishers & Booksellers. Privatebag X8 Braamfontein.

MUNGWAMBE, AMÂNDIO D. 2000. *A Música Chope*. Edição Promédia. Colecção Identidades, Maputo.

NELIMO. 1989. *Seminário sobre a Padronização das Línguas Moçambicanas*. Universidade Eduardo Mondlane. Maputo.

NGUNGA, A. S. A. 2002. *Elementos de Gramática da Língua Yao*. Imprensa Universitária. Universidade Eduardo Mondlane. Maputo.

_____ 1998. *Investigação como exercício de relações humanas*. MS. Faculdade de Letras. Universidade Eduardo Mondlane. Maputo.

NHAOMBE, H. E. 1991. *Semântica de Expressões Idiomáticas do Tsonga formadas a partir de metáforas Antropomórficas de metáforas animais*. Tese de Licenciatura. Universidade Eduardo Mondlane. Maputo.

OLIVEIRA, F. 1996. Semântica. In Faria, I. H., Pedro, E. R., Duarte, I., Gouveia, C. A. M. *Introdução à linguística Geral Portuguesa*. Caminho, SA, Lisboa.

O. M. M. 1984. *Situação Social da Mulher Moçambicana: Sua análise e definição da estratégia de luta pela sua emancipação na fase actual*. Maputo.

PILILÃO, F. 1989. *Moçambique: Evolução da toponímia e da divisão territorial, 1974 – 1987*. Universidade Eduardo Mondlane. Maputo

PINTO, J. M. de C.; PARREIRA, M.; LOPES, M. do. C.. 1994. *Gramática do Português Moderno*. Plátano Editora. Lisboa.

RADCLIFFE BROWN, A. R. & FORDE, D. 1982. *Sistemas políticos africanos de parentesco e de casamento*. 2ª edição. Fundação Calouste Gulbenkian / Lisboa.

SANTOS, Pe. L. F. dos. 1941. *Gramática da Língua Chope*. Imprensa Nacional de Moçambique. Lourenço Marques.

SITOE, B. & NGUNGA, A. 2000. *Relatório do II Seminário sobre a Padronização da Ortografia das Línguas Moçambicanas*. Nelimo, Faculdade de Letras, U.E.M., Maputo.

ULLMANN, S. 1964. *Semântica: Uma Introdução à Ciência do Significado*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.



ANEXO I : CORPUS

Nomes

Nomes femininos

1. **Ciremane** – este nome foi atribuído a uma menina pelo facto de a mãe se ter feito acompanhar por um cestinho contendo merendas durante toda a gravidez, quer fosse para a machamba quer fosse visitar alguém. Fosse para onde fosse ia com a sua merenda no cestinho. Quando a menina nasceu chamaram-na *Ciremane*. (Alfredo Luís Cumbi, Mpt, 03/08/01)
2. **Cisiwanyani** – este nome foi atribuído a uma criança em virtude de o pai não ter reconhecido a gravidez. *Cisiwanyani* significa pobrezinha em *copi* e o facto da criança ter sido rejeitada sujeita-a a não ter pai e conseqüentemente a não ter apelido deste passando a usar o da família da mãe. Por isso consideram-na pobrezinha. (Sainda Bikauzi Chitavi, Inhr, 21/07/01)
3. **Cixamaliso** – nome atribuído a uma rapariga, que nasceu após várias tentativas sem sucesso, nasceu quando toda a família tinha perdido a esperança de ver a sua mãe com filhos colhendo-os de espanto. (Pedro Alfeu Ussaca, Inhr, 22/07/01)
4. **Mbinyetwani** – filha de uma mulher que sofria maus tratos durante a gravidez por parte do marido. *Mbinyeto* significa penúria em *Cicopi*. A menina recebeu este nome devido às condições lastimáveis que a mãe viveu durante a gravidez. (Pedro Alfeu Ussaca, Inhr, 22/07/01)
5. **Tsakani** – nasceu de pais que lamentavam muito o facto de não terem filhos. Sempre que saudassem alguém, diziam: *ha hanya ho pwata citsakiso ca nkoheni* i.e. estamos bem, lamentamos apenas o facto de não termos algo que nos alegre o rosto, filhos neste caso. Quando a menina nasceu, os pais disseram: *aku mi nga mana citsakiso ca nkoheni tsakani* (agora que vos nasceu esta filha, alegrem-se) e assim a menina passou a chamar-se *Tsakani*. (Saugineta Saul Cande, Inhr, 21/07/01)
6. **Tshofwane** – este nome foi-lhe atribuído porque a mãe era muito má durante a gravidez. Assim, passaram a chamar a filha de *Tsofwane*. (Saugineta Saul Cande, Inhr, 21/07/01)

Nomes masculinos

7. **Cidhambane** – uma rapariga concebeu de um rapaz recém-chegado das minas, que ao pedi-la em namoro, lhe ofereceu uma mantinha. Dessa relação nasceu um menino a quem passaram a chamar *Cidambane*, termo que significa mantinha em *copi*. (Mariamo Maela Cumbi, Inr, 22/07/01)
8. **Chukelane** – do inglês *sugar*. Nome que resulta do novo vocabulário dos mineiros. Estes usavam termos em Inglês como nomes para os filhos. (Relatório do Governador do distrito de Inhambane, 1912)

9. **Dhoropa** – no Afrikanse, *dorp* significa aldeia ou vila. Os mineiros introduziram este termo no *Cicopi* por via de empréstimo para designar cidade. Com o andar do tempo passou a ser usado como nome. (P.e. António da Fonseca Maheme, Mpt, 02/08/01)
10. **Ditshuri** – significa verdade em *Cicopi*. Desconhece-se a origem deste nome.
11. **Faduku** – originalmente, *vaatdoek*, do Afrikanse, pano de limpar a louça, termo que significa lenço em *Cicopi*. Mais tarde passou a ser usado como nome. (P.e. António da Fonseca Maheme, Mpt, 02/08/01)
12. **Fenyani**- este nome foi atribuído a uma criança cuja mãe tinha medo de pentear durante a gravidez e andava sempre despenteada. Quando as amigas a encontrassem a caminho do poço ou da machamba gritava: *fenyani* ou seja penteiem-na porque ela tem medo. (Ermelinda de Jesus Chitambo, Chid, 30/07/01)
13. **N'xomulwani** – foi-lhe atribuído este nome pelo facto de ter nascido numa altura em que se viviam grandes secas no país. Todos diziam que a criança havia de nascer na penúria. Daí a atribuição deste nome. (Pedro Alfeu Ussaca, Inhr, 22/07/01)
14. **Sawuti** – nome introduzido na cultura *copi* via empréstimo do Inglês (*salt*), que significa sal, resulta do novo vocabulário dos mineiros. (Relatório do Governador do Distrito de Inhambane, 1912)
15. **Sepu** – do inglês *soap* que significa sabão. (Relatório do Governador do Distrito de Inhambane, 1912)
16. **Simbi** – significa ferro em *Cicopi*. Não nos pôde explicar a origem deste nome.
17. **Sinyani** – este nome foi atribuído a uma criança cuja mãe tinha muitas raparigas e nunca tinha tido um rapaz para perpetuar o nome da família do pai. Quando iniciou o trabalho de parto, advertiu que toda a gente de casa não dançasse de alegria se lhe nascesse mais uma menina. Contudo nasceu um rapaz e naquela expectativa toda, a parteira apenas disse: *sinyani* e concluíram que se tratava de um rapaz. A partir daí o rapaz passou a chamar-se *Sinyani*. (Ermelinda de Jesus Chitambo, Chid, 30/07/01)
18. **Sope**- homem cuja mãe bebia muito durante a gravidez. Em face do seu comportamento, os familiares diziam: *u na veleka sope* ou seja em vez de uma pessoa, vais parir aguardente. Quando a criança nasceu apelidaram-na *Sope*. (Carolina Manuel Bande, Inhr, 21/07/01)

ANEXO II: CORPUS

Apelidos

19. **Chimani** - São oriundos de *N'kumbini* em Inharrime, uns dizem que fugiram devido a guerras de sucessão, outros dizem que a fuga deveu-se ao adultério cometido por um deles e por consequência disso, quiseram castrá-los ou esmagar os testículos que em *Cicopi* diz-se *kuchimela*. Estes fugitivos eram *Luzwani* e *Mangwengwe* acompanhados por uma mulher que se desconhece o nome (esta companhia feminina, parece confirmar a 2ª versão do adultério), eram caçadores, andaram pela mata e chegaram à actual Chidenguele e fixaram-se na mata numa zona chamada *Nyacitamu* nas terras dos *Mungwambi*.

Certa madrugada, um indivíduo, neto do régulo avistou de longe uma fogueira e interrogou-se quem teria chegado antes dele, aproximou-se do lugar para ver de que é que se tratava e encontrou os dois jovens e a mulher, perguntou-lhes de onde vinham, e eles explicaram da seguinte forma: *hi ta ngu Nyarimi, va do chimani tshayo hi ndje kuthava*" i.e. viemos fugidos de Inharrime quiseram castrar-nos para que não fizéssemos mais filhos e enchessem a terra para continuarem a chefiar e segundo a outra versão, era para que não voltassem a cometer adultério. O jovem voltou para casa e deu a informação acerca da presença de pessoas na mata que não sabiam para onde ir. O régulo *Mungwambi* foi ao seu encontro a fim oferecer-lhes hospitalidade, mas eles recusaram-se a sair da mata para o regulado, viveram lá durante muito tempo, casaram-se com mais mulheres: só são conhecidos de duas delas (*Mbande* e *Mbandani* duas irmãs) e fizeram 15 filhos varões.

A dada altura, eclodiu uma guerra nas terras de *Mungwambi* promovida pelos *Nyantumbu*, que tinham um comandante chamado *Sumbane* muito temido devido aos seus poderes mágicos. *Mungwambi* enviou um mensageiro a fim de pedir auxílio a *Chimani* mas este hesitou em entrar na contenda e recordou-lhes que tinha fugido de uma guerra e não mais queria meter-se noutra: o que mais queria era viver em paz. O mensageiro voltou e deu a informação acerca da indisponibilidade de *Chimani*.

No entanto, *Chimani* decidiu resolver por sua conta e risco o problema do seu hospedeiro; partiram da mata onde viviam à noite e chegaram à aringa do inimigo de madrugada e instruíram o mais novo de todos para entrar, paliçada a dentro, e ferir para matar o primeiro que encontrasse.

Ao amanhecer, o miúdo entrou na aringa com a flecha em riste e como é tradição entre os *copis*, quando alguém vai em paz para uma casa ou região, aponta a seta para o chão. Os homens que estavam acordados naquele momento, subestimaram-no e disseram que o deixassem para verem até onde ia o seu atrevimento, as pessoas estavam nos seus afazeres e os irmãos do miúdo tinham montado emboscada nas cercanias do caminho para o rio. O miúdo feriu uma mulher que estava a pillar milho e quando ela pediu socorro, o miúdo pôs-se em fuga em direcção à emboscada: os inimigos perseguiram-no inadvertidos e entraram na emboscada morreram tantos homens inclusive o seu comandante, de seguida foram matar o boi que tinha o segredo das suas artes mágicas, cortaram a cabeça do comandante *Sumbane*, ataram-na ao boi e fizeram uma espécie de maca para transportá-los e levaram para os domínios de *Mungwambi* enquanto tocavam trompetas e foram perante o régulo apresentar o resultado do seu trabalho. Depositaram o boi e a cabeça do comandante no magandzelu

(altar). O régulo *Mungwambi* perguntou o porquê da missão secreta e eles responderam que tinham acatado ao pedido do régulo, apenas se preparavam para fazê-lo a sós.

O régulo *Mungwambi* ficou muito grato pelo trabalho feito e perguntou que recompensa queriam, mas os jovens preferiram que a resposta ficasse ao critério dos pais. Eles levaram a mensagem para os pais e os estes deram uma resposta enigmática dizendo que queriam uma mulher que não parasse de fazer filhos. Os anciãos do regulado levaram muito tempo a desvendar o enigma até que um deles descobriu que se tratava de terra. Assim, os *Mungwambi* concordaram em oferecer-lhes terras e deram-lhes um terreno que partia da costa até *Ndoleni* e disseram ao *Chimani* que aquela era a mulher nunca mais pararia de dar filhos e até hoje os *Chimani* que são *N'kumbi* vivem nas terras oferecidas por *Mungwambi*. (António Madjambe Chemane, Chid., 22/07/01)

20. **Cilenge** – modo de vida dos *Lenje* ou seja modo de vida dos *copi*. Os actuais *vacopi*, antes de se lhes reconhecer esta habilidade na arte de *kucopa*, eram chamados *valenge* ou *Vanyamilenge* em virtude de terem vindo de Zimbabwe a pé. Em *Cicopi*, *leng* significa pé. (Munguambe, 2000)
21. **Cimanga** – não tivemos acesso ao historial completo deste apelido. Contudo, *cimanga* significa gato.
22. **Ciruka** – são oriundos de *hlengweni* que se refugiaram nos domínios de *N'kande Malembele* fugidos dos Nguni aonde chegaram com carne de búfalo que tinham caçado pelo caminho. Um deles subiu num morro de muchém e avistou fumo de longe então foram em direcção ao fumo e ao chegar ao local, encontraram *Malembele* sentado e ele perguntou quem lhes tinha indicado aquele lugar e de onde vinham. Eles responderam que ninguém os tinha indicado o lugar e que descobriram-no ao subir num monte feito por formigas e terem avistado fumo e que tinham seguido em direcção ao fumo para assarem a carne que traziam. A partir daí *Malembele* passou a chamá-los *Ciruke* por terem subido no morro muchém que se chama *ruka* em *copi*. *Nhovhele* ofereceu-lhes hospitalidade e passou a viver com eles mas como tivesse muitas filhas, os filhos de *Litsuri* casaram-se com as suas filhas e ele ofereceu terras aos genros nos seus domínios. (Mucombo, 1938)
23. **Mungwambi** - *Mungwambi* é oriundo de *Ussapa*: eram da família *Sithole* quando chegaram à zona hoje chamada Chidenguele, ouviram um barulho intenso vindo da nascente, então mandaram jovens para irem ver o que é que fazia tanto barulho. Os jovens meteram-se mata a dentro em direcção ao barulho foram desbravando-a e deixando sinais para o regresso. Pelo caminho, encontraram os donos da terra os *Tsaweni* mas seguiram viagem. Mais a diante, encontraram a lagoa *Nyanravyane* mas continuavam ouvindo o barulho. Continuaram com a sua viagem ate chegarem ao mar, notaram que fazia um vai e vem, fazendo barulho. Como estivessem cansados de tanto andar e com muita sede, um deles pegou numa cabaça e foi acarretar água mas, para espanto de todos, notaram que a água sabia a sal, a qual chamaram de *ciwunga* e levaram uma amostra da água para apresentar ao régulo. De regresso, a meio do caminho, encontraram uma árvore cheia de jambalau que os *copis* chamam de

Tingwamba: pararam para comer e depois de terem comido seguiram viagem, mas três deles quiseram continuar a comer jambalau, por isso ficaram para trás. O outro grupo chegou ao regulado mas notaram que faltavam três deles. Mais tarde os que tinham ficado voltaram, foram criticados por terem ficado para trás antes de terminarem a missão e passaram a chamá-los *Mungwambi* e os do 1º grupo continuaram a chamar-se *Sithole*. A partir daí houve uma divisão dos *Sithole* em *Mungwambi Ciwunga* e *Mungwambi Sithole*.

Os que descobriram o mar decidiram voltar para a costa e encontraram a caminho, os *Tsaweni*, donos da terra, a assarem um elefante em partes sem cortá-lo e iam comendo a parte que cozesse porque não tinham faca. Então, os *Mungwambi* emprestaram-lhes uma catana e cortaram o elefante em bocados. Como forma de agradecer ofereceram-lhes uma orelha do animal que logo a seguir caiu no chão e ficou cheia de areia simbolizando as terras por oferecer. Os jovens voltaram para o regulado e foram dizer que tinham recebido terras de *Ndoleni* oferecidas pelos *Tsaweni* e foram viver para as terras oferecidas já com o apelido *Mungwambi*. Mais tarde os *Tsaweni* foram-se dispersando e desaparecendo deixando as terras todas para os *Mungwambi*. (António Samboco Nhatinombe, Cihd., 31/07/01)

24. **N'kande** - São oriundos de *Bhileni*. Os homens usavam brincos pulseiras e guizos. Saíram de *Bhileni* por causa das guerras que travavam com os *Nguni*. O irmão mais velho dos *Nhovele* foi ter com um dos irmãos mais novos para se irem embora daquele lugar e irem juntar-se aos outros *Nhovele* em *Byandlani*, algures em *Inhambane*, mas como o irmão não estivesse preparado, respondeu: *Ndza ha ta kandza mbuva* i.e. ainda vou preparar merendas. A partir daí deram-lhe o nome de *Nkandzi*. *Nhovele* foi ter com um outro irmão mais novo para se irem embora daquele lugar e irem juntar-se aos outros *Nhovele* em mas este também não estava preparado e disse o seguinte ao irmão, *Ndzi khomekile a ndzi se longa* i.e. encontrei-me desprevenido ainda não arrumei a bagagem. O outro irmão passou a ser chamado *Nkome*.

Então *Nhovele (Malembele)* seguiu viagem deixando os irmãos em *Bileni*. Travou duras batalhas durante a viagem até chegar a *Nyamuxwe* onde foi fixar-se. A zona que foram habitar passou a ser conhecida por zona do embondeiro de *Khambini* tal que foi plantado por *Malembele Nhovele*. O rio da zona onde habitavam chamava-se *Lifutani wa Malengani wa ka Nhovhele*.

Com o andar do tempo, souberam que a guerra dos *nguni* aproximava-se do local em que viviam então, *Nhovele* e seus genros (*Ciruka*) retiraram-se em fuga para *Pfuruvele* em *Morumbeni* e os *Mukhambi* ocuparam as suas terras. Quando a guerra terminou, os genros voltaram em massa para as terras oferecidas pelos sogros e os *Nhovele* tiveram receio de regressar mas um indivíduo da família *Mukhambi* foi tentar convencê-los a voltar. Alguns *Nhovele* voltaram, mas muito poucos e encontraram as suas terras ocupadas pelos *Ciruke* e *Mukhambi*. Portanto, as terras hoje habitadas pelos *Mukhambi* e pelos *Ciruke* pertencem à família *Nhovele*. (Mucombo, 1938)

25. **N'kumbi** - os *N'kumbi* são oriundos de *Usapa* Distrito de Mossurize.

Descendentes de *Nyacengwe* que saiu da sua região de origem com a sua família e foi fixar-se em *Xikungusi* em *Morrumbene*, onde permaneceu por

pouco por tempo mas a região não o agradou e seguiu novamente viagem e foi fixar-se na zona de *Tameni* onde ficou durante muito tempo mas como as terras deixaram de produzir bem, partiu para o sul atravessou o rio *Nyassuni* e entrou nos domínios de *Gwambi* onde foi bem recebido contudo, não ficou muito tempo por lá e passou para a zona hoje chamada de *N'kumbini* ou *Mukumbini* fixando residência na zona conhecida por *Khove*. Os domínios de *Nyacengwe* faziam limite com os *Gwambe* e se estendiam até ao litoral, nas zonas da praia de Závora, região de *Mucipu*.

Quando o velho *Nyacengwe* morreu, havia a necessidade de se tomar por Levirato a sua mulher mais velha (*Gujamu*) pelo seu filho mais velho *Lizingi* mas como estivesse muito velha, este recusou-se a tomá-la ele preferia tomar a mais nova mas como por tradição tinha que ser a mais velha, não lhe foi permitido tomá-la. A tia *Mbasani* (*hahani*) encarregue de orientar o ritual de lavagem das armas do irmão e empossamento do novo rei, viu-se embaraçada com a demora da cerimónia pois era casada (*com Nyan'ombe*) e pretendia voltar para sua casa. Mas, só podia lavar as armas do rei com a água com que *Lizingi* e *Gujamu* se lavassem após o acto incestuoso.

Passaram-se vários dias à espera que ele tomasse alguma atitude mas nunca mais se decidia. Durante a longa espera, morreu um elefante na mata dos domínios de *Nyacengwe* e os caçadores foram informar a família real, este animal só podia ser esfolado e repartido pelo povo com as armas do rei sob a autorização e orientação do mesmo, tinha que ser o rei a dar o 1º golpe em sinal de autorização. Como não houvesse rei nem armas purificadas para o acto, a tia instruiu o irmão mais novo de *Lizingi*, *Mathusani* para que entrasse na palhota da velha e fizesse amor com ela para que pudessem ter a água que serviria para a lavagem das armas, além de que era só para a cerimónia não era para se tornar sua esposa.

À noite, enquanto os outros dormiam, *Mathusani* entrou na palhota de *Gujamu* fez amor com ela e saiu. Foi apresentar a água à tia, então, na mesma noite, pegaram no material de guerra (azagaias, arcos, flechas, sacolas, etc) do falecido rei e foram lavá-lo na lixeira. Feita a cerimónia de lavagem do material, a tia instruiu-o a depositar as armas sobre o elefante antes que amanhecesse.

Lizingi consciente do seu direito na sucessão, decidiu que fosse na manhã do dia seguinte esfolar e repartir o animal pelo povo mesmo sem que tivesse cumprido com o ritual que o conferiria plenos poderes ou legitimidade. De madrugada, *Lizingi* mandou tocar trombeta e batuque para convidar o povo a participar da divisão do elefante. Chegados ao local, *Lizingi* aproximou-se do animal mas para o seu espanto, as armas do pai ainda intocáveis estavam lá depositadas; recuou assustado para meditar ficou durante muito tempo a pensar como é que as armas tinham ido lá parar. O sol já ia muito alto quando o povo começou a reclamar pelo início da partilha.

A tia *Mbasani* deu sinal a *Mathusani* para que libertasse o povo e fosse dar o primeiro golpe no animal. *Mathusani* aproximou-se do animal tirou as armas do pai e deu início ao trabalho. Os presentes ficaram espantados e perguntaram-se entre eles: - *A di so ntsanela nyakukumba yule, eh! N'fana yule n'kumbi* i.e. Será que este miúdo teve a coragem de se deitar com aquela velha? Então este miúdo é um velho. E velhice em *Cicopi* é *Kukumba*. A partir desse dia apelidaram-no *N'kumbi* e tomou o poder. Ao irmão mais velho (*Lizingi*) passaram a chamar *Khove*, a do *khoveta n'kila ngu thava yulé wo kumba* que significa encolheu o

rabo por ter tido medo da velha e até hoje, a zona chefiada por *Lizingi* é chamada *khoveni*. *Mathusani* tornou-se rei e toda a região passou a chamar-se *N'kumbini*. Mocumbi é corruptela dos portugueses. (Pedro Alfeu Wusaka, Inhr, 21/07/01)

26. **Nyabhete** - aquele que come a primeira fatia de ananás. Em *copi*, *Bhete* significa 1ª porção de ananás este apelido foi-lhes atribuído em virtude destes serem grandes produtores de ananás. (P.e. António da Fonseca Maheme, Mpt, 02/08/01)
27. **Nyambele** - grandes produtores de milho, junto de um rio afluente do rio Inharrime. (P.e. António da Fonseca Maheme, Mpt, 02/08/01)
28. **Nyan'ombe** - são descendentes de *Xisano*, oriundos da região de Gaza. *Xisano* fixou-se na região hoje chamada Dombola e casou-se com a irmã de *Nyacengwe* (pai de *N'kumbi*), *Mbasani* e como era costume entre os *changanes*, pagou o lobolo em gado como não dispusesse de Libras (Moedas de Ouro). Como gesto de satisfação, *Nyacengwe* cedeu ao seu genro uma parte das suas terras, que iam desde o rio *Nyanrave* até ao litoral. A partir daí os *Xisano* passaram a ser chamados *Nyan'ombe* por terem pago lobolo em gado. Os *Nyan'ombe* multiplicaram-se e tomaram outras alcunhas tais como: *Hukula*, *Macupulani*, *Nyankholola*. (Pedro Alfeu Ussaca, Inhr, 22/07/01)
29. **Nyantumbu** - *Nyambi*, passou assim chamado, por ter descoberto o mar e por ter levado para o interior, onde vivia a sua família, frutos do mar, que os apresentou ao seu irmão mais velho *Mbande* e a partir daí passaram a chamá-lo *Nyantumbu* (descobridor). (Alfredo Machavane Nhantumbo, Chid. 31/07/01)
30. **Wusaka** - formam um dos subclãs da família *Nyacengwe* cujos hábitos começavam a ser diferentes dos da família. Eles vivam muito próximos uns dos outros prática pouco comum entre os *copis*. Daí os avós os terem dito o seguinte: *mi hanyisa to nga mi li ka sisaka sa sindili* ou seja vocês vivem tão aglomerados como se as vossas casas fossem ninhos de piriqitos. A partir dessa altura passaram a chamá-los *Wusaka*. (Alfredo Office Neves, Inhr, 22/07/01)

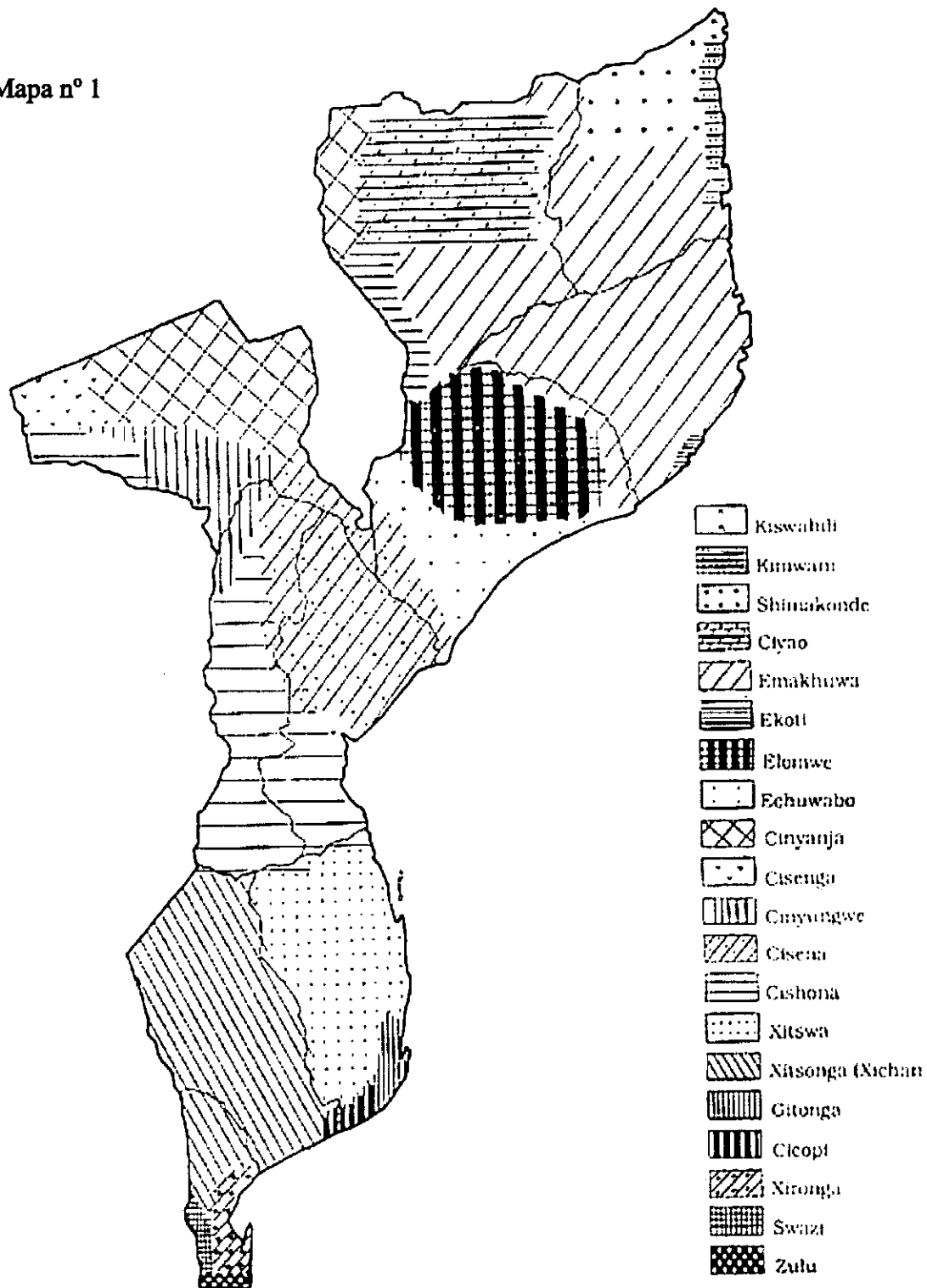
ANEXO III: LISTA DE INFORMANTES

Afonso Luciano Nhantumbo	João Afonso Macôo
Alberto Faftine Munguambe	Joaquim Matiquite Munguambe
Albino Simione	Jorge Manuel Munguambe
Alexandre Masseveni Munguambe	José Sabino Chiungue Munguambe
Alexandre Samboco Nhatinombe	Júlio Chitaute Nkande
Alfredo Luís Cumbi	Justino Patimane Banze
Alfredo Machavane Nhantumbo	Leonardo Cumbi
Alfredo office Neves	Manuel Chimele Mbanze
Amândio Didi Munguambi	Marcos Camilo Munguambe
Amélia Paliche Nhantumbo	Maria Odete
André Alberto André Nhantumbo	Mariamo Maela Cumbi
António Majambe Chemane	Marta Muholove
Armando Chitaute Nkandze	P.e. António da Fonseca Maheme
Bartolomeu Ussaca	Pedro Alfeu Ussaca
Bernardo Filipe Sambo	Roberto Peúla
Carolina Manuel Mbanze	Rogério Ussaca
Dinis Muchezane Munguambe	Sainda Bikauzi Chitavi
Edeline Saul Nkandze	Saugineta Saul Nkande
Ermelinda de Jesus Chitambo	Sevene Elija Nhacoongue
Estevão Guilherme Banze	Zefanias Muchezane Munguambe
Eugénio Lázaro Munguambe	

ANEXO IV: MAPAS

Mapa Linguístico de Moçambique

Mapa nº 1

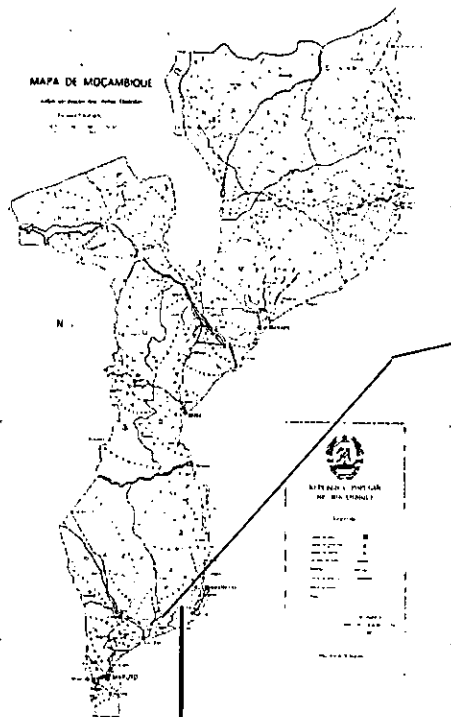


Fonte: NELIMO, 1989:8

Localização geográfica dos locais de entrevista

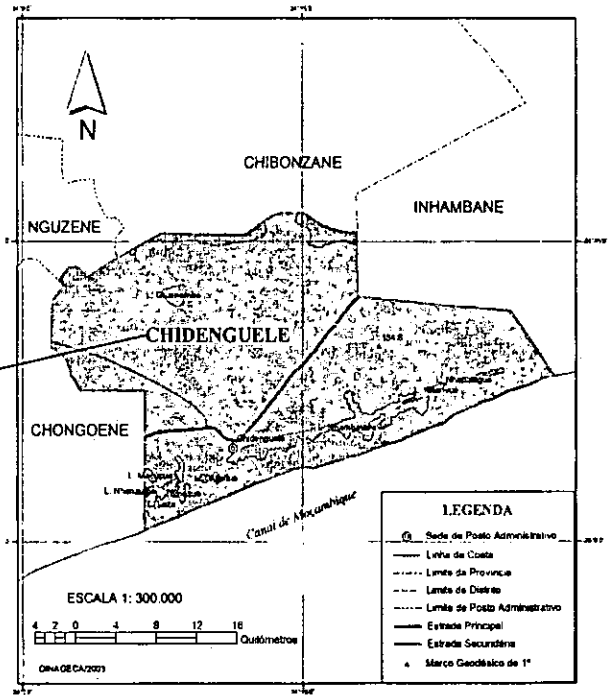
Mapa de Moçambique

Mapa nº 2



Mapa do Posto Administrativo de Chidenguele

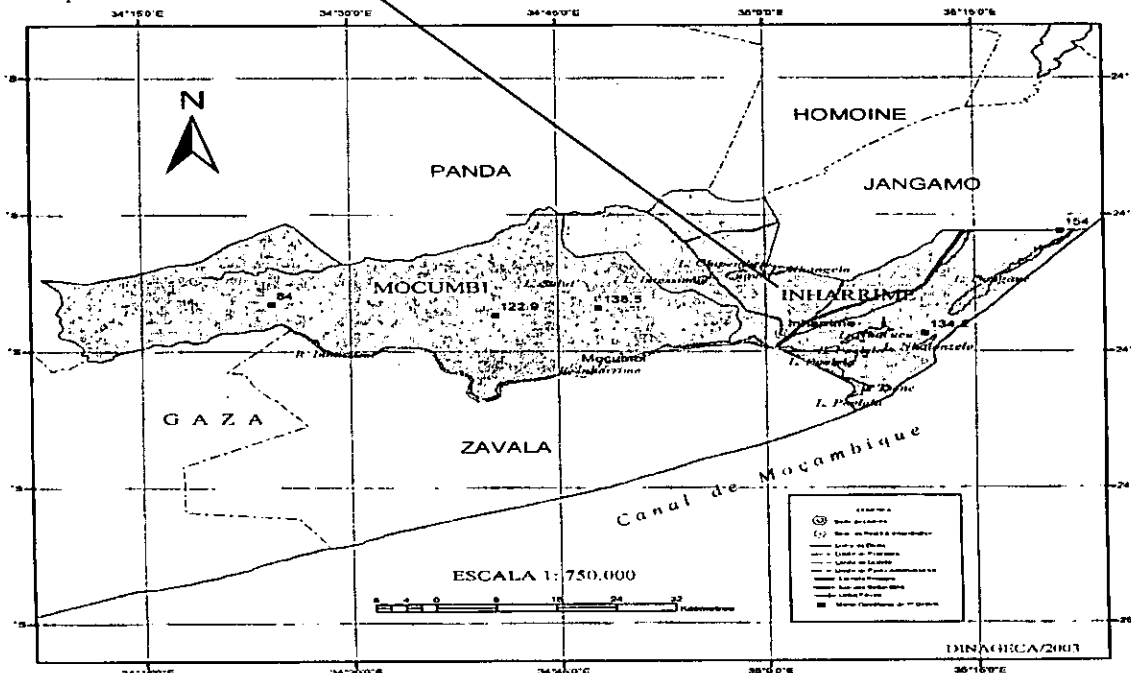
Mapa nº 3



Fonte: DINAGECA/2003

Mapa do Distrito de Inharrime

Mapa nº 4



Fonte: DINAGECA/2003